



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Audiovisuais e Publicidade

O vôo da Guará Vermelha:

Adaptação de romance para roteiro de longa-metragem

Renata Costa Gomes

Brasília – DF

Julho de 2013

Renata Costa Gomes

O vôo da Guará Vermelha:

Adaptação de romance para roteiro de longa-metragem

Projeto experimental em Audiovisual apresentado a banca examinadora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília em 17 de Julho de 2013, realizado sob orientação da professora Érika Bauer de Oliveira.

Agradecimentos

Agradeço a todos os que acompanharam minha jornada rumo à graduação. Ao meu irmão agradeço o companheirismo, aos meus pais o apoio, e aos professores a sempre valiosa orientação. Agradeço à professora Érika Bauer pela iluminação e inspiração na realização deste produto. E agradeço em especial à pessoa cuja paciência e companhia foram essenciais para a realização desse trabalho: meu futuro marido, Davi, que mesmo longe fisicamente conseguiu estar ao meu lado nos momentos mais difíceis.

Resumo

O presente trabalho reúne o embasamento teórico e a metodologia que compõem a memória do produto *O vôo da Guará Vermelha: adaptação de romance para roteiro de longa-metragem*. A análise teórica do que consiste a adaptação da literatura para o cinema, sua importância estética, bem como o conceito de fidelidade na adaptação são elementos importantes para a concepção de um roteiro com base em um romance literário.

O romance trabalhado é de autoria de Maria Valéria Rezende, intitulado *O vôo da Guará Vermelha*, publicado em 2005 pela editora Objetiva. Narrando o encontro entre Irene e Rosálio, a autora revela uma relação em que o amor é construído por meio de atenção e cuidado, de troca de experiências e conhecimentos.

A metodologia aborda as etapas do processo prático da escrita do roteiro, as questões iniciais, as alternativas estéticas levantadas para a adaptação, bem como as soluções e opções feitas durante a realização do produto.

Palavras-chave: Maria Valéria Rezende, Cinema, Literatura, Roteiro de cinema.

Abstract

The present work gathers the theoretical basis and methodology that form the memory of the product *O vôo da Guará Vermelha: adaptação de romance para roteiro de longa-metragem*. The theoretical analysis of the adaptation of literature to cinema, its esthetics importance, as well as the concept of fidelity in the adaptation are important elements for the conception of a script based on a literary novel.

The chosen novel by Maria Valéria Rezende, entitled *O vôo da Guará Vermelha*, was published in 2005 by Objetiva. Narrating the encounter of Irene and Rosálio, the autor reveals a love relationship that is built whit affection, attention and care, exchange of experiences and knowledge.

The methodology comprehends the practical process of the scriptwriting, the initial questions, the esthetic alternatives brought up for the adaptation, as well as the solutions and options taken during the realization of the product.

Keywords: Maria Valéria Rezende, Cinema, Literature, Movie Script

Índice

1. Introdução	1
2. Adaptação – um diálogo entre cinema e literatura.	2
2.1. Exemplos da relação entre escritores e adaptações.	4
2.2. O conceito de fidelidade e suas implicações na adaptação de uma obra literária para o cinema: os exemplos de <i>Lavoura Arcaica</i> e <i>Blow-up</i>.	5
3. Apresentação da obra	9
3.1. A autora	9
3.2. A narrativa	9
3.3. A intertextualidade com <i>Dom Quixote</i> e <i>As mil e uma noites</i>.	11
3.4. A guará vermelha	12
4. Objetivos	13
4.1. Objetivos gerais	13
4.2. Objetivos específicos	13
5. Justificativa	14
6. Metodologia	15
6.1. Questões para a adaptação	15
6.2. Alternativas para a adaptação	15
6.3. Desenvolvimento do roteiro	17
7. Conclusão	22
Bibliografia	23
Roteiro: <i>O Vôo da Guará Vermelha</i>	

1. Introdução

A literatura e o cinema são artes que se expressam por meios próprios, particulares. Enquanto a narrativa do cinema é construída por meio da sucessão de imagens e sons, a literatura trabalha com associações de palavras que evocam imagens na mente do leitor. O cinema e a literatura, entretanto, muitas vezes se aproximam, influenciando-se mutuamente. Dessa forma, levar para o âmbito do cinema as expressões da literatura, suas figuras de linguagem e suas associações, não se resume a um trabalho de simples transferência de imagens de um meio a outro.

Para André Bazin, adaptar produções de outras artes para o cinema não deve ser simplesmente plagiar, mas transcrever para a tela (BAZIN, 1991). Tanto a obra literária quanto o roteiro de cinema possuem seus respectivos autores, os quais passam por um processo criativo próprio para alcançar o produto final. Ainda que um roteiro seja uma adaptação feita a partir de outra obra, o roteirista não é um plagiador, mas o autor de uma nova obra.

O desafio do trabalho de adaptação é conciliar a liberdade criativa do roteirista com o respeito à obra literária em que este se baseia. Desafio que passa pela própria compreensão do conceito de adaptação. Para isto a leitura de livros e artigos sobre o tema serviu como um importante guia inicial.

O presente trabalho tem como objetivo realizar a adaptação do romance *O vôo da Guará Vermelha*, de Maria Valéria Rezende, bem como utilizar a experiência adquirida durante o processo para entender a dinâmica da adaptação de forma prática e pessoal.

Em *O vôo da Guará Vermelha*, a autora descreve uma história de amor por meio de cores, sensações, e de uma prosa em discurso indireto livre, em que a narração e as falas das personagens se misturam no texto. Sendo a fluidez da narrativa a característica mais marcante do romance, um dos principais objetivos do trabalho de adaptação dessa obra literária para roteiro de longa-metragem é justamente transferir essa fluidez de forma a construir uma narrativa cinematográfica orgânica, sem simplesmente copiar cenas e falas.

2. Adaptação – um diálogo entre cinema e literatura.

Trabalhar com a criação de roteiro que tem por base uma obra literária implica transitar entre duas artes que possuem meios de expressão próprios.

Em *O chão da palavra* (2007), Avellar discorre sobre o diálogo entre as artes. Sua discussão é focada na relação entre cinema e literatura, mas também fala de cinema-pintura, cinema-música, literatura-pintura, literatura-música e música-pintura. Em resumo, sem o intercâmbio de estéticas, linguagens e valores, as artes teriam um progresso muito mais engessado e lento. Quando a pintura de Picasso passou a representar diversos recortes de uma cena em uma única imagem, poderia se garantir que essa sua técnica de montagem se inspirou na montagem cinematográfica, ou seria possível dizer que Picasso propôs ao cinema novos paradigmas, novos impulsos? Na relação entre cinema e literatura encontra-se a mesma dinâmica.

No caso particular do cinema brasileiro, sua maior fonte de inspiração foi a literatura modernista. O que Mário de Andrade trouxe, em termos de montagem, com *Amar, verbo intransitivo*, serviu quase de escola ao nosso cinema. A literatura brasileira da primeira metade do século XX se apropria dos jogos de enquadramento e montagem do cinema da época, principalmente do cinema europeu, que apresentava movimentos revolucionários como a Nouvelle Vague francesa. Assim a literatura nacional foi capaz de produzir no papel um cinema que serviu de inspiração aos diretores nacionais da década de 1960 (AVELLAR, 2007).

Tomando como exemplo a adaptação feita por Nelson Pereira dos Santos da obra de Graciliano Ramos, Avellar diz que:

O que *Vidas Secas* filme trouxe do *Vidas Secas* livro não foi só o que a obra de Graciliano Ramos provocou no imaginário do leitor Nelson, mas principalmente o impulso gerador da obra, sua idéia, seu ponto de partida tal como intuído por Nelson, a imagem (mental, não necessariamente visual) que gerou o livro, o que na obra existia antes da obra existir – sua vontade de ser, o que ela era antes de se fazer por intermédio do autor. (AVELLAR, 2007, página 45)

O que vem primeiro, o livro ou o filme? Antes da escrita do livro, o autor vê um filme passar por sua cabeça? Antes de realizar um filme, o diretor tem em mente a idéia para um grande romance? – É por meio de questionamentos semelhantes que Avellar constrói seu argumento de que as artes não são estanques e não vêm uma em seqüência à outra, mas são concomitantes, contemporâneas, irmãs.

A referência de uma obra já acabada como ponto de partida de um roteiro pode gerar a enganadora sensação de facilidade. Ter um romance como ponto de partida da escrita de um roteiro, contudo, levanta questionamentos que um roteiro escrito a partir de um argumento original não levanta, sendo o mais básico deles a escolha de quais cenas do livro serão utilizadas no filme.

Um filme que ilustra a dificuldade de um roteirista em adaptar um livro para o cinema é *Adaptação* (2002), dirigido por Spike Jonze e roteirizado por Charlie Kaufman a partir de um livro de não-ficção de Susan Orlean, intitulado *O ladrão de orquídeas* (2000). Ao roteirizar a história da investigação de Orlean sobre John Laroche, preso por roubar orquídeas raras de reservas florestais, Charlie Kaufman se insere no filme como personagem, e chega a criar até mesmo um irmão gêmeo para si. O Kaufman da vida real transfere para sua obra as angústias do processo de adaptação ao mostrar seu personagem lutando para encontrar a melhor forma de roteirizar o livro, ao mesmo tempo em que sofre um grande bloqueio criativo. A solução do Kaufman roteirista para o problema da adaptação foi a total liberdade criativa. Ao transformar a personagem de Orlean em uma cúmplice de La Roche, Kaufman submete o texto original à sua criatividade e altera drasticamente a história real em que o livro foi baseado.

A forma com a qual Charlie Kaufman roteirizou *O ladrão de orquídeas* exemplifica, de forma drástica, mas didática, como a adaptação muitas vezes precisa subjugar elementos literários e passagens do livro para melhor traduzir a história em formato cinematográfico, ainda que apenas em sua forma inicial de planejamento: o roteiro.

O diretor e montador Eduardo Escorel (apud AVELLAR, 2007, página 184) fala da sua adaptação de *Amar, verbo intransitivo*, romance de Mário de Andrade:

Embora a existência desse ponto de partida já estruturado narrativamente represente uma maior facilidade em relação à criação de um argumento original, esta facilidade é relativa e pode ser traiçoeira, já que a transposição dificilmente pode ser feita mecanicamente, prevendo uma filmagem do romance frase a frase. É preciso pensar na eliminação ou reordenação de seqüência, numa possível reorganização dos diálogos, e chegar à edição ou montagem norteado por um critério estabelecido ao decidir fazer a adaptação.

O estabelecimento de um critério a ser seguido é um processo pessoal, que passa pela compreensão da impressão deixada no roteirista pela leitura do livro. Assim, retoma-se o conceito de impulso gerador da obra proposto por Avellar.

2.1. Exemplos da relação entre escritores e adaptações.

As adaptações cinematográficas de obras literárias freqüentemente não são bem aceitas pelo público. Isso ocorre, em parte, devido às altas expectativas de uma parcela dos espectadores conhecedora do livro, que já tem uma imagem da obra formada em sua mente, a qual certamente será muito diferente da realização cinematográfica final. Na introdução de *Literature and film* (1995), Robert Stam destaca o preconceito que as adaptações cinematográficas muitas vezes sofrem. A idéia de que a literatura seria uma arte maior que é diminuída e traída pelo cinema persiste na mentalidade de muitos¹.

Há escritores que detestam as adaptações feitas a partir de suas obras e jamais as assistem, e há aqueles que se encantam ao verem suas criações na tela. No entanto, a partir dos depoimentos expostos no livro *Literatura e Cinema*, quarto volume da coleção Mistérios da Literatura (BRITO, 2008), é possível perceber que a maioria dos autores que diz ter gostado das versões cinematográficas de suas obras destaca entre as qualidades dos filmes a fidelidade ao livro.

Literatura e Cinema ilustra o debate em torno das adaptações por meio de depoimentos de escritores, roteiristas, cineastas, jornalistas e críticos de cinema, muitos

1. Adaptado de: STAM, Robert. RAENGO, Alessandra (org.) *Literature and film – A guide to theory and practice of film adaptation*. Blackwell, 1995. Página 3.

dos quais exercem ou já exerceram duas ou mais dessas funções. Entre os escritores que tiveram obras adaptadas para o cinema, muitos não aprovaram o resultado final. Alan Pauls diz: “quando a literatura é adaptada para o cinema, em geral se arruína a literatura e se arruína o cinema. Por isso, me interessa mais escrever direto para o cinema que fazer adaptações” (apud BRITO, 2008, pág. 35). Frederick Forsyth afirma que gostou de apenas um dos filmes que se originaram de livros seus, e explica: “os outros três não foram tão bem-sucedidos quanto *O dia do chacal*, em parte porque os diretores optaram por modificar a história, enquanto Zimmerman se manteve fiel ao romance” (apud BRITO, 2008, pág. 69). Giorgio Bassani partilha de uma opinião semelhante, afirmando que não gostou da adaptação que Vittorio De Sica realizou de seu romance, *O jardim de Finzi Contini*, porque o diretor não respeitou suficientemente o livro. Graham Greene só gosta das adaptações de seus livros em que ele próprio escreveu o roteiro. Harold Robbin não gosta de ver seus livros na tela porque acredita que os adaptadores modificam demais a história. Manuel Vázquez Montalbán diz que “o fato é que a literatura levada ao cinema não costuma dar certo. Pelo menos os autores das obras sentem assim e eu não sou exceção” (apud BRITO, 2008, pág. 117).

2.2. O conceito de fidelidade e suas implicações na adaptação de uma obra literária para o cinema: os exemplos de *Lavoura Arcaica* e *Blow-up*.

Segundo o dicionário Aurélio da língua portuguesa, fidelidade é definida como “(...) 3. Observância rigorosa da verdade, exatidão”. E fiel como “(...) 2. Que não falha; seguro, certo. 3. Que não muda; firme, constante, perseverante.” (FERREIRA, 1988) A partir desses conceitos iniciais pode-se esboçar uma definição do significado da fidelidade na adaptação.

A discussão em torno do conceito de fidelidade é complexa, e sua utilização como critério para a avaliação da qualidade da adaptação pressupõe o livro como um produto superior e o filme como um subproduto inferior. Além disso, levanta-se a questão de como um filme pode demonstrar que é fiel à versão literária: seria um indicativo de fidelidade a simples reprodução de cenas e diálogos? Por outro lado, a releitura da obra literária na forma cinematográfica, mantendo-se a essência e o

propósito da obra, mas subjugando os elementos da linguagem escrita para adequá-los à linguagem cinematográfica, seria realmente a grande afronta que muitos acreditam ser?

A resposta a essas perguntas é extremamente complexa, sendo que é necessário ressaltar que livro e filme são obras distintas, e que para avaliá-los é preciso proceder a uma análise em separado de cada um a fim de determinar sua relevância artística e cultural.

Stam argumenta que todas as obras artísticas, independente de seu meio de manifestação, foram inspiradas em predecessores. Trair uma obra ao adaptá-la, ser infiel, implicaria na existência de uma obra totalmente original à qual se poderia ser fiel, algo que segundo o autor não existe (STAM, 1995).

Entre os autores que tem uma visão positiva da adaptação, Roddy Doyle defende que:

[...] a qualidade do filme depende da qualidade das pessoas que o produzem. Eu tive muita sorte. Muito do livro original se perde, mas também muito se ganha – imagens, expressões faciais, expressões visuais etc (apud BRITO, 2008, pág. 141).

Essa opinião é compartilhada por Stam, que também destaca que uma história adaptada para o cinema pode ganhar não apenas com as interpretações e cenários, mas também com a aplicação das novas tecnologias (STAM, 1995). Atualmente, a sofisticação alcançada pelos efeitos especiais permite ao cinema levar para a tela histórias cada vez mais fantásticas e visualmente surpreendentes.

O conceito de fidelidade da obra cinematográfica em relação à obra literária na qual se inspira se compreendido apenas como o compromisso do cinema em seguir à risca as descrições de cenas e falas do romance, se torna superficial. Adaptar uma obra literária para o cinema implica em exercer a criatividade em prol da expressão do que o realizador da adaptação entende como o cerne da obra, seu impulso gerador. O compromisso do realizador do filme em expressar esse impulso gerador pode ser entendido como uma forma de fidelidade, compreensão esta que se mostra mais ampla e

mais condizente com a realidade. Buscar esse sentimento gerador da obra, essa idéia geral, propulsora, é o cerne do desafio da adaptação, conforme destaca João Carlos Avellar (AVELLAR, 2007).

Luiz Fernando Carvalho, ao realizar *Lavoura Arcaica* (2001), seguiu à risca o livro homônimo de Raduan Nassar, escrito em 1975. Fica evidente, ao comparar livro e filme, como os planos do filme são executados da mesma forma que são narrados no livro, em especial a cena que traça um paralelo entre a captura da pomba branca por André criança e o encontro entre o André adolescente e sua irmã Ana, vestida de branco e se movendo à semelhança da pomba, na casa velha e abandonada da família. Diversos trechos da narração em *off*, assim como muitas das falas dos personagens, são extraídas integralmente do romance, como a cena do diálogo entre pai e filho, no terço final do filme.

Em *Blow-up* (1966), Michelangelo Antonioni adapta o conto de Julio Cortázar, *Las babas del diablo* (1959), que narra a perplexidade de um fotógrafo diante de uma foto que pode ser a revelação de um assassinato. O *storyline* do conto e do filme é o mesmo: o fotógrafo tira uma foto ao acaso de um casal que passeia no parque, e ao fazer a revelação do negativo, percebe, no canto da imagem, uma figura deitada na grama que pode ser um corpo. No conto, o narrador demonstra incredulidade na eficiência da palavra escrita para descrever satisfatoriamente a experiência marcante que vivera. No filme, a dúvida em relação ao ocorrido (houve mesmo um assassinato?) é transmitida pelas múltiplas ampliações que o protagonista, Thomas, faz da fotografia tirada no parque. A cada ampliação a fotografia fica mais granulada, perdendo nitidez. Em contraste com a imagem borrada que o espectador vê na tela, a atitude de Thomas revela uma confiança crescente de que há de fato um corpo no canto da imagem.

Ao realizar *Blow-up*, Antonioni se afastou em alguns pontos do material original, exercendo sua criatividade principalmente ao criar cenas que auxiliam na composição da personalidade do fotógrafo Thomas, um homem entediado com seu cotidiano e seu trabalho. Por outro lado, no conto, os traços dessa personalidade entediada e em busca de algo com o que se ocupar são apresentados por meio das interjeições do fotógrafo em meio a seu relato. Enquanto demonstra choque pelo que viu – ou pensa ter visto –, ele se distrai observando as pombas e os pássaros que passam, fazendo comentários a respeito

no texto. Dessa forma, as cenas criadas por Antonioni revelam como o cineasta utilizou-se de sua criatividade para expressar de forma cinematográfica o que é expresso em palavras no texto.

Lavoura Arcaica e *Blow-up* são adaptações que exemplificam duas formas de transportar a literatura ao cinema, duas formas de expressar fidelidade aos textos originais. Enquanto no primeiro o livro é seguido à risca, no segundo são acrescentadas cenas à história, mantendo-se, porém, o essencial da obra. Esse essencial não se expressa pela manutenção das cenas principais do conto no filme, mas sim pela versão cinematográfica do que o conto quer expressar: uma mente em ócio criativo que encontra no acaso e na imaginação um assunto com o que se ocupar e se preocupar, tentando convencer a si próprio e ao espectador de que viu algo que mais ninguém foi capaz de ver. Por fim, o que permanece do conto de Cotázar em *Blow-up* é muito mais do que a imagem de um fotógrafo tirando fotos de estranhos em um parque, mas são as sensações de suspense e incerteza que a história imprime no espectador.

Transcrever as sensações promovidas pela literatura para o cinema é um processo que envolve diversas escolhas estéticas. Ao adaptar o denso romance de Raduan Nassar, *Lavoura Arcaica* (1975), Luiz Fernando de Carvalho se questionava: “Como narrar ‘privilegiando o mundo interior de um personagem a partir do diálogo com o tempo e suas memórias? Como narrar a partir de olhos voltados para dentro de si mesmo?’” (apud BRITO, 2008, pág. 78). A solução escolhida pelo diretor, conforme mencionado anteriormente, foi seguir à risca o texto do romance. O mundo interior a que se refere Luiz Fernando Carvalho possui uma relação muito íntima com a palavra escrita que, reunindo diferentes palavras de um vocabulário variado, constrói significados inteiramente novos. Dessa forma, o desafio do cinema se torna ampliar seu vocabulário para demonstrar por meio de imagens os mesmos sentimentos evocados pelas palavras. O cinema precisa buscar seu próprio modo de demonstrar o que as diferentes combinações de palavras significam na literatura por meio de combinações de planos. Nisto se resume o processo de adaptação.

Em *O vôo da Guará Vermelha*, Irene e Rosálio possuem ambos um lado interno muito forte. Além do diálogo com o tempo e suas memórias, realizam um diálogo com seus sentimentos, seus sonhos e expectativas (REZENDE, 2005).

3. Apresentação da obra

O vôo da guará vermelha (2005), romance de Maria Valéria Rezende, narra o encontro entre Irene e Rosálio. Irene é uma prostituta com AIDS, que luta para conseguir algum dinheiro para dar à velha que cria seu filho, enquanto a doença a consome aos poucos. Rosálio é um quilombola órfão de pai e mãe, que se desloca de uma cidade a outra, de um trabalho a outro, até que se torna pedreiro na cidade de Irene.

O encontro entre os dois se dá de forma casual e ingênua. Rosálio sai da obra cinza em que trabalha em busca de cores e encontra Irene à janela. Ela, precisando de dinheiro, o convida a entrar. Rosálio demora a entender que a moça espera pagamento pela relação sexual, mas sente-se em dívida com ela quando é cobrado e revela não ter dinheiro algum.

A princípio, ele a paga com palavras, contando-lhe histórias de sua vida. Assim, Irene encontra nas histórias de Rosálio o conforto que lhe faltava. A dedicação que ele tem por ela a deixa mais forte. Nasce entre os dois um amor sincero, oriundo de atenção e carinho, de palavras e imaginação.

3.1. A autora

A biografia de Maria Valéria Rezende ajuda a entender as personagens que cria e as temáticas que aborda. Nascida em Santos (SP), dedicou-se desde jovem à educação popular. Depois de São Paulo, viveu em Pernambuco e na Paraíba, no meio rural. Atualmente, reside em João Pessoa, cidade em que escreveu *O vôo da guará vermelha*.²

3.2. A narrativa

A autora desenvolve uma narrativa fluída, que mistura os sentimentos e as vozes das personagens à narração em discurso indireto livre. Ela apropria-se da linguagem coloquial sem, contudo, fazer uma simplificação caricaturista da fala popular. A

² Informações da contracapa do livro, editora Objetiva, 2005.

narrativa tem o ritmo da conversa e, ao mesmo tempo, do pensamento. Sentimentos e sensações são mais importantes do que ações e descrições.

A localização dos acontecimentos não é definida. Rosálio nasce na Grota dos Crioulos, ao pé de uma serra sem nome. Também não se sabe onde nasceu Irene, ou em qual cidade se encontram os dois. Nada disso é importante para a narrativa.

Subentende-se, porém, que os caminhos pelos que Rosálio percorre em suas histórias se localizam entre a Amazônia e o litoral Nordestino, por suas menções a um garimpo com um rio envenenado onde tudo é coberto de barro (possivelmente Serra Pelada) e o trabalho escravo ao qual é submetido em meio a uma floresta (possivelmente a floresta amazônica), além da presença da caatinga como cenário e de diversas menções à cultura popular nordestina ao longo do livro, como festas de padroeiros embaladas por sanfona, triângulo e zabumba.

A simplicidade e a sinceridade da relação entre Irene e Rosálio contrasta com a dura realidade em que vivem. Por detrás das histórias que Rosálio conta em tom de inocência, podem-se ler os contos de um povo simples, muitas vezes explorado e maltratado, enganado e deixado na ignorância. Nesse sentido, a autora não se esforça para mascarar as dificuldades das vidas de suas personagens. Se o saldo final parece positivo e otimista, isto ocorre muito mais pela história ser contada a partir da visão batalhadora das personagens, que nunca conheceram outra vida e que não tem alternativa senão seguir lutando, do que por uma visão romanceada por parte da autora.

Percebe-se que, apesar de sonharem, Irene e Rosálio encaram a vida como ela é, por vezes com uma sinceridade que assusta ao leitor desavisado, mais sensível. Irene, por exemplo, refere-se a si mesma, sem rodeios, como puta. Lembra-se com certa saudade dos tempos em que era jovem, “puta de luxo”, e podia cobrar mais caro, e agora fica feliz pelos dias que consegue alguns clientes a mais - não por gostar da profissão, mas por conseguir o dinheiro que precisa para viver e sustentar o filho.

Rosálio sabe que não tem conhecimento formal e que a única coisa que possui de valor é sua força física, que ele aluga de emprego em emprego. Ele percebe, porém, que é bom contador de histórias e decide transformar sua vida e seguir essa vocação, ganhando dinheiro encantando e animando o povo com sua habilidade e imaginação.

3.3. A intertextualidade com *Dom Quixote de La Mancha* e *As mil e uma noites*.

A história do convívio entre Irene e Rosálio se entrelaça com os causos que os dois contam um ao outro, principalmente Rosálio. Há uma intertextualidade com duas obras literárias clássicas: *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, e *As mil e uma noites*, de autor desconhecido.

É possível estabelecer um paralelo entre as obras, em que Rosálio se torna Dom Quixote: um tanto ingênuo, tem como objetivo de vida “ganhar o mundo por mor de aprender a ler”, dessa forma, envolve-se em aventuras próprias, que vão desde um breve período no movimento sem-terra até o garimpo em Serra Pelada, passando por mais de um mês de aprisionamento e trabalho escravo. Apesar das dificuldades, ele sempre vê o lado bom das coisas e de tudo tira uma lição.

Rosálio também é, por vezes, um pouco Sherazade. Ele visita Irene à noite para lhe contar suas histórias até que ela adormeça. Em outras ocasiões, esse papel cabe à Irene, que lê para ele *As mil e uma noites* e o ensina a ler e a escrever, realizando assim seu maior sonho. Irene, contudo, aprende a tática da personagem e a cada noite faz uma pausa em suas lições, prometendo continuar na noite seguinte. Irene se esforça em prender Rosálio a ela pelo maior tempo possível. Assim como Sherazade, Irene busca com isso escapar da morte, não porque Rosálio poderia matá-la à exemplo do Sultão, mas porque a presença dele lhe traz uma prolongação da vida.

A importância da literatura tanto em *Dom Quixote* quanto em *As mil e uma noites* é destacada por Rosálio. Ele descreve Dom Quixote como um homem “que vivia lendo livros”, e Sherazade como uma mulher que “era inteligente, sabia muitas histórias que tinha lido nos livros”. A ânsia de Rosálio por aprender a ler para conhecer tantas histórias quanto esses dois personagens é uma grande característica sua, que contribui ainda mais para a intertextualidade entre as obras.

3.4. **A guará vermelha**

A primeira história que Rosálio conta a Irene relata o dia em que ele encontrou uma guará vermelha e a libertou do espinheiro em que estava presa. Assim que foi libertada, a ave fugiu para longe do rapaz.

Ao conhecer Irene, Rosálio encontra nela um novo ser fragilizado que ele tem condições de ajudar. Apesar de não utilizar em momento algum o nome da doença, a autora deixa claro que Irene tem AIDS e que não tem muito tempo de vida, por ter buscado o tratamento muito tarde. A doença já produziu efeitos terríveis sobre ela, deixando-a magra e fraca. Rosálio cuida de Irene com palavras e atenção, restabelecendo nela o gosto pela vida. O corpo de Irene não pode ser curado, mas seu espírito se fortalece e ela encontra a paz de que precisa para alçar seu próprio vôo.

4. Objetivos

4.1. Objetivos Gerais

Investigar, tanto na teoria quanto na prática, a inter-relação entre literatura e cinema, bem como os limites da liberdade criativa exercida pelo roteirista no processo de recriação de uma obra artística de um meio para outro. Considerando que o roteiro é apenas o primeiro passo de uma obra que só será completa após a montagem, investigar como o formato do roteiro pode expressar o que se pretende alcançar na adaptação, já que, devido ao alcance limitado do projeto, não seria possível verificar o quanto do roteiro de fato permanece no produto após sua finalização.

4.2. Objetivos específicos

Realizar a adaptação da obra *O vôo da Guará Vermelha*, romance de Maria Valéria Rezende, para roteiro cinematográfico de longa-metragem.

Definir a motivação da adaptação, ou seja, identificar o impulso gerador da obra e o que há de cinematográfico nela – ou o que pode ser acrescentado de cinematográfico a ela – para, a partir daí, realizar a adaptação.

5. Justificativa

Explorar diferentes pontos de vista em relação ao mundo e à vida é um dos principais fatores motivadores do cinema. Ao transcrever para roteiro de cinema a visão de mundo que Maria Valéria Rezende expressa em sua obra, abre-se a possibilidade de que sua história seja recontada em outro formato artístico.

O vôo da Guará Vermelha é um romance que marca pela sua fluidez e criatividade, abordando a temática do amor entre um homem e uma mulher sem se prender aos aspectos físicos do relacionamento. O caráter intelectual do amor entre Irene e Rosálio demonstra os aspectos mais nobres da natureza humana, como a generosidade e a solidariedade. O modo como Rosálio é capaz de trazer vida nova à Irene, poupando-a do sofrimento por meio de palavras e atenção, é tocante.

Toda a adaptação de uma obra de um meio a outro representa um desafio de execução e de compreensão estética. Dessa forma, o interesse pela realização de uma adaptação dessa obra para o cinema surge da curiosidade em explorar técnicas de adaptação da literatura para o cinema, além de exercitar a escrita de roteiro, lembrando e aprofundando o que foi aprendido durante o curso, em especial nas disciplinas de Argumento e Roteiro, Oficina de Argumento e Roteiro e Linguagem Cinematográfica e Audiovisual.

6. Metodologia

6.1. Questões para a adaptação

Em *O vôo da guará vermelha*, Rosálio compartilha com Irene diversas histórias de sua vida, gerando diversas pequenas narrativas dentro da narrativa principal. Um dos desafios da adaptação é interligar essas histórias de forma harmoniosa, alternando os planos entre o presente vivido pelos dois, que se passa em sua maioria no quarto de Irene no bordel, e os diversos cenários distintos em que ocorre o passado de Rosálio. Durante a leitura, o leitor tem a possibilidade de fazer pausas entre os capítulos, enquanto isso não é possível no cinema. Pensar em uma forma de conectar tantas histórias sem que o filme fique cansativo é uma questão que deve ser resolvida também pelo roteiro, não apenas pelos demais elementos do filme, como filmagem e montagem.

A fala coloquial é um elemento fundamental do romance, não apenas narrando, como também ambientando e dando ritmo à história. É certo que, ao roteirizar a partir da memória do livro, a fala e o ritmo não serão os mesmos. A trajetória de vida de Maria Valéria Rezende a levou a escrever de uma forma particular, incorporando em seu texto a linguagem coloquial com a qual convive. Procurar imitar essa percepção única da fala na adaptação seria uma maneira de demonstrar respeito à obra, ou traria apenas a consequência de deixar o roteiro com aspecto artificial?

No romance, as falas das personagens se misturam à narração. Dessa forma, Rosálio e Irene contam suas próprias histórias. Na escrita do roteiro foi preciso decidir se estas falas seriam incluídas na forma de narração em *off*. A escolha por minimizar ao máximo a narração em *off*, restringindo-a apenas à narração que Rosálio faz de algumas de suas histórias, se deu pela vontade de exercitar da melhor maneira possível a narração cinematográfica por meio da associação de planos.

6.2. Alternativas para a adaptação

Tomando o livro *O vôo da Guará Vermelha* como fonte de inspiração, as possibilidades de linhas adaptativas são várias. Como guia para o roteiro, foram consideradas quatro alternativas.

A primeira, mais óbvia e também mais engessada, é opção de utilizar o personagem Rosálio como narrador de sua própria história, seguindo com rigidez os acontecimentos do livro, na ordem em que são descritos em cada capítulo. Essa alternativa foi descartada por não alcançar os objetivos do trabalho de liberdade criativa na adaptação, já que representa um trabalho muito mais próximo da cópia do que da recriação.

Como inspiração para a segunda alternativa, tem-se a realidade descrita no romance, que é dura, mas que as personagens encaram de frente e com altivez. A peregrinação de Rosálio em busca de quem o ensine a ler, sendo muitas vezes enganado e explorado pelo caminho, a doença de Irene, a falta de perspectivas de tratamento e seu esforço para sustentar o filho, são desafios que eles encaram vivendo um dia de cada vez. Dessa forma, o direcionamento seria no sentido de se buscar uma adaptação mais realista, misturando a ficção com imagens documentais de pessoas na mesma situação.

Tendo em vista a marcante intertextualidade do livro com as obras clássicas *Dom Quixote de La Mancha* e *As mil e uma noites*, foi considerada como terceira opção a possibilidade de recriar a história de Irene e Rosálio como a Sherazade e o Dom Quixote do Sertão. Imergir as personagens em um universo lúdico e mágico, explorando também as fábulas e os contos populares. Como referência, tem-se *Hoje é dia de Maria* e *Capitu*, minisséries produzidas pela rede Globo e dirigidas por Luiz Fernando Carvalho. No entanto, esse universo somente seria concretizado com um trabalho completo de planejamento de direção de arte, o que não é o objetivo deste trabalho. Além de que, o objetivo de criar uma obra criativa única não seria concretizado, pois as influências referenciais das obras de Luiz Fernando Carvalho estariam muito presentes.

Por fim, tem-se como quarta alternativa o enfoque na valorização dos sentimentos e sensações, sem fundamentar o filme no diálogo e sem preocupação com a cronologia dos acontecimentos. Essa opção, ao mesmo tempo em que aproxima o roteiro da fluidez narrativa do livro, dá liberdade criativa a adaptação, já que não há obrigação de seguir com fidelidade a cronologia e os acontecimentos do livro. Como referências estéticas, cita-se: *A árvore da vida* (2011), de Terrence Malik, e *Melancolia* (2011), de Lars von Trier.

A opção escolhida buscou aliar a atmosfera de fantasia e imaginação gerada pelo intercâmbio de histórias entre os personagens, principalmente pelas histórias mais fantásticas de Rosálio, à valorização da realidade desses personagens de acordo com a percepção que eles próprios têm de suas vidas. O resultado final, portanto, fluiu naturalmente para uma combinação entre a primeira e a quarta opção.

6.3. Desenvolvimento do roteiro

Após a leitura de diversas bases teóricas sobre adaptação de obras literárias para roteiros de cinema, foi realizada uma nova leitura do romance *O vôo da Guará Vermelha*. Ela teve como objetivo a apreensão dos principais pontos da obra, das questões narrativas que mais revelam sua essência, e foi realizada de forma rápida e praticamente ininterrupta.

Tendo a história em mente, a escrita do roteiro foi iniciada, sendo a condição principal desse primeiro tratamento a falta de contato com o romance. A meta desse primeiro exercício era a elaboração de um tratamento inicial do roteiro que refletisse as principais impressões deixadas pela leitura do romance. Como resultado, obteve-se um tratamento de cerca de sessenta páginas em que a lembrança emotiva e sensorial do texto prevaleceu sobre a lembrança exata e factual.

Ao escrever o roteiro a partir da memória do romance, abriu-se um grande espaço para a criatividade. No início, com a memória factual do livro mais forte, a descrição das cenas se prendeu muito mais àquela de seus capítulos. Não houve preocupação de respeitar uma ordem para as cenas durante a escrita, tendo o início, o meio e o final sido escritos em ordem aleatória. Apesar disso, e apesar da intenção inicial de não respeitar uma ordem cronológica dos acontecimentos no roteiro, a cronologia acabou marcando uma presença muito forte.

Esse exercício foi definitivo para a elaboração de um roteiro que transferisse para a linguagem cinematográfica a essência do romance. O desprendimento dos fatos narrados gerado pelo breve distanciamento do livro foi fundamental para que se descrevessem as cenas de forma mais adequada possível ao formato cinematográfico.

Apesar disso, a memória factual do livro ainda se mostrou bastante presente, sendo a ordem dos capítulos escritos muito semelhante à ordem das cenas elaboradas para o roteiro.

Durante a elaboração do primeiro tratamento, foi espontânea a identificação com a personagem principal feminina, Irene. A escrita das cenas que a envolviam fluiu com muita facilidade. Apesar da presença também marcante de Rosálio, foi apenas após a realização de uma nova consulta ao romance que as cenas protagonizadas por ele puderam ser melhoradas ou escritas de forma mais interessante e compatível com a narrativa como um todo.

Dessa forma, após a escrita do primeiro tratamento, o romance voltou a ser consultado. Cenas interessantes do romance que haviam sido retiradas do roteiro foram incluídas, assim como falas de personagens, que por serem muito significativas no romance, tornaram-se essenciais no roteiro. Passagens que haviam sido descritas de memória foram ajustadas tendo por base seus respectivos capítulos do livro, sendo os principais exemplos a seqüência em que Rosálio é submetido ao trabalho escravo no meio da floresta e a seqüência em que ele chega a Serra Pelada e conhece a realidade do garimpo. Entre as principais seqüências acrescentadas está também a história de João dos Ais, que Rosálio utiliza como exemplo de sua visão do que é o amor. Para ele, o amor “não faz contas, nem de perda nem de ganho”, o amor não cobra, apenas aceita e compreende.

No momento da escrita do primeiro tratamento buscou-se orientar o futuro olhar da câmera, destacando detalhes e direcionando planos a serem utilizados em uma futura filmagem. A tentativa de se “dirigir” o filme no roteiro foi intencional. Posteriormente, esse direcionamento foi corrigido, e os tratamentos subseqüentes se tornaram mais objetivos, demonstrado as ações das personagens de forma a abrir espaço para a interpretação criativa do roteiro por parte de um futuro realizador.

As primeiras versões do roteiro, até o terceiro tratamento, possuíam também uma forte conexão com a linguagem literária. O exercício de objetivar a escrita, transmitindo os sentimentos das personagens por meio de suas ações e palavras tornou-se uma etapa essencial, que permitiu a conclusão do roteiro em seu quinto tratamento.

A ligação afetiva entre Irene e Rosálio foi expressa por meio de atitudes simples do casal, como o compartilhamento de histórias e conhecimento. Para melhor expressar os sentimentos das personagens por meio de ações, algumas cenas foram criadas, outras, adaptadas, como a cena em que Irene ensina Rosálio a ler e escrever desenhando ao lado das palavras o objeto correspondente, ao invés de usar a voz para lhe dizer o significado delas.

O passado de Irene também foi explicado em cenas distintas das descritas no livro. Em busca da objetividade, o irmão de Irene, Simão, foi omitido do roteiro. No romance, é Simão quem encontra o sagüi e o leva para casa. Buscando a fluidez do roteiro, o avô de Irene passou a exercer essa função, encontrando o animal doente não mais na mata, mas na pedreira em que trabalha.

O passado de Irene e suas relações afetivas são descritas no livro de forma muito subjetiva, portanto cenas que explicassem sua personalidade e seu passado precisaram ser compostas. A explicação do amor de Irene por Romualdo precisou ser transferida para o âmbito da ação. No livro, Irene pensa em Romualdo e lembra-se do quanto o amava, mas a única descrição concreta de uma memória com ele é a de Irene observando Romualdo em sua canoa, pescando. Fora essa pequena descrição, a forma como Irene pensa em seu amor perdido é inteiramente subjetiva, como no trecho a seguir - presente nas páginas 91 e 92 do livro:

[Irene] Fica no escuro pensando que, um dia, quer escrever o romance de Romualdo, primeiro amor que ela teve e nem pôde florescer, do qual ela nada sabe desde que ele foi-se embora, mas já pensou tanto nele, imaginando mil vidas que podia ter vivido, que não há de ser difícil escrever um seguimento e, escrevendo, fazer o invento virar a pura verdade. Pensando nisso, embatuca, que não compreende por que se lembra tanto Romualdo desde que o moço de olhos verdes se meteu na sua vida e, aos poucos, seu coração, que há tanto tempo era seco, umedeceu-se de amor, mas que ela não sabe bem se é amor por

Romualdo ou pelo contador de histórias, se os dois são um amor só, ou se é possível alguém ter dois amores sinceros.

O trecho acima destacado, contudo, não deixa claro se o amor e Irene por Romualdo foi apenas platônico, ou se foi correspondido pelo rapaz, em especial na frase: “(...) primeiro amor que ela teve e nem pôde florescer (...)”. A opção por tornar o romance dos dois uma memória concreta, por meio da cena na quermesse, teve como objetivo ilustrar melhor o passado de Irene, bem como o motivo pelo qual ela tanto se lembra de Romualdo e o confunde com Rosálio.

Pelo exemplo fica claro que Irene perdeu contato com Romualdo. Entende-se que ele saiu de sua terra natal, provavelmente em busca de uma vida melhor, mas seu destino é incerto. Quando Rosálio conta a Irene sobre o garimpo e os militares presentes no local, ela questiona se ele conheceu um soldado ou garimpeiro de nome Romualdo, na esperança de encontrar uma pista do paradeiro de seu antigo amor. A possibilidade levantada de que Romualdo tenha entrado para o exército possibilitou a elaboração da cena em que ele encontra Irene na quermesse para lhe contar que está partindo, prometendo-lhe que um dia voltará por ela.

Irene identifica sua própria história de amor com a história de amor da professora Rosália e seu namorado. Enquanto o namorado da professora conseguiu encontrá-la no quilombo e levá-la embora para viver a realização de seu amor, Romualdo prometeu voltar por Irene, mas não foi capaz de cumprir sua promessa. No roteiro, quando Rosálio lhe conta a história da professora, Irene declara pensativa: “se ele foi até lá pra buscar ela, é porque gostava dela de verdade...”. Nesse momento o espectador ainda não conhece o passado de Irene com Romualdo, mas ao longo do filme a relação dos dois é revelada e os reais sentimentos de Irene em relação à história da professora também.

O passado de Rosálio é mais claro devido às histórias que conta. Algumas de suas narrativas apresentam a interferência de elementos fantásticos e fantasiosos, algumas são claramente inventadas, enquanto outras levantam a dúvida se seriam ou não realidade, como a história de João dos Ais e Floripes.

Tanto Rosálio quanto Irene se lembram e conversam sobre o passado. As memórias de Rosálio são retratadas em suas narrações, são memórias que ele escolhe ter

e relatar, tanto a Irene quanto ao espectador do filme. As memórias de Irene, por sua vez, surgem em sonhos, alheias à vontade da personagem. São memórias reprimidas que a fragilidade imposta pela doença e a presença de Rosálio ajudam a trazer à tona.

Além das questões de tempo e memória, foram essenciais para o roteiro as questões de espaço e ambientação. No livro os locais não são claramente identificados, e no momento da adaptação optou-se por mantê-los dessa forma. Apenas o garimpo é identificado como sendo Serra Pelada. A ambientação do garimpo, com a presença do exército suspendendo as atividades, é uma referência a acontecimentos reais do ano de 1981, em que a empresa Vale do Rio Doce tentou reaver o garimpo de Serra Pelada para controlar a extração do ouro, algo que já vinha sendo feito por milhares de garimpeiros independentes. Sob o jugo do exército, o garimpo ficou fechado até 1982, quando foi reaberto. A passagem de Rosálio pelo local retrata um pouco de um acontecimento muito marcante na história do país, que resultou na criação do maior garimpo a céu aberto do mundo.

Quanto à cidade em que Rosálio e Irene se encontram, esta é descrita no livro apenas como uma grande cidade cinzenta, em que muitos imigrantes tentam ganhar a vida – possivelmente São Paulo.

[Rosálio] Veio por esses caminhos, [...] e aqui arribou, onde havia tantos outros, Rosálíos, chegados pelas mesmas veredas, macambúzios, revestidos de cinzenta tristeza, e lhe disseram que ficasse se quisesse [...]

A opção por manter a cidade sem nome, além de não ambientar cenas em marcos que pudessem servir como identificação, se deu em parte por manter uma coerência com o romance, em parte por compreender que a história do envolvimento entre Rosálio e Irene não depende de identificação geográfica para ser completa.

7. Conclusão

No presente trabalho foi apresentada uma proposta de adaptação do livro *O vóo da guará vermelha* para roteiro cinematográfico. Atrelando o estudo de bases teóricas à leitura do livro, foi possível realizar a transposição da obra para a linguagem cinematográfica, visando uma construção que mantivesse a coerência com os sentimentos e histórias descritos por Maria Valéria Rezende e que proporcionasse liberdade ao exercício da criatividade.

Durante o estudo, o conceito de fidelidade quando aplicado a uma adaptação de obra literária para o cinema mostrou-se vago e impreciso. O entendimento foi de que a fidelidade à obra se expressa no respeito a seu cerne, a seu elemento motivador e não à descrição precisa das passagens literárias. Assim, quando da escrita do roteiro, procurou-se enfatizar esse elemento motivador, no caso o amor entre as personagens, que é apresentado no livro na forma de respeito mútuo, trocas de conhecimento, de experiência, de atenção, mais do que por qualquer interação carnal.

Ressalta-se que a realização do roteiro foi um processo de constante aprendizado desde o estudo da obra a escolha de estilo de adaptação. Nesse sentido, a metodologia escolhida mostrou-se adequada, visto que permitiu o desenvolvimento da liberdade criativa, mantendo-se uma seletividade em relação ao romance a fim de proporcionar uma maior adequação da história original à linguagem cinematográfica. Dessa forma, o presente roteiro incorpora elementos da obra original, mas apresenta novas passagens que visam complementar a história e envolver o espectador.

Por fim, ressalta-se que a transcrição do livro para o roteiro não é a única etapa do processo de adaptação cinematográfica. Outros elementos devem ser analisados - como a inclusão de direção de arte, cenografia, figurino e músicas -, os quais levam a composição completa da obra de cinema. Em todas essas etapas, escolhas são feitas visando transmitir a história para o espectador. Como projetos futuros, alguns desses tópicos podem ser mais estudados e elaborados, tendo por base o roteiro aqui apresentado.

Referências

1. ANTONIONI, Michelangelo. PONTI, Carlo. ROUVE, Pierre. Blow-up: Depois daquele beijo [Filme] Direção de: Michelangelo Antonioni. Produção de: Carlo Ponti, Pierre Rouve. Reino Unido / Itália. 1966.
2. AVELLAR, José Carlos. **O chão da palavra – Cinema e Literatura no Brasil**. Rocco, 2007.
3. BAZIN, Andre. **O cinema: ensaios**. Editora Brasiliense, 1991.
4. BRITO, José Domingos de (org.). **Literatura e Cinema**, coleção Mistérios da Literatura volume 4. Novera Editora, 2008.
5. CARVALHO, Luiz Fernando. Lavoura Arcaica. [Filme] Direção de Luiz Fernando Carvalho. Brasil, 2001.
6. CORTÁZAR, Julio. **Las babas del diablo**. Em: <http://www.literatura.us/cortazar/babas.html> . Acessado em maio de 2013.
7. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
8. JONZE, Spike. DEMME, Jonathan. LANDAY, Vincent. SAXON, Edward. Adaptation Direção de : Spike Jonze. Produção de: Jonathan Demme, Vincent Landay, Edeard Saxon. Estados Unidos. Columbia Pictures. 2002
9. MALIK, Terrence. GARDNER, Dede. GREEN, Sarah. HILL, Grant. PITT, Brad. POHLAD, Bill. A árvore da Vida. [Filme] Direção de: Terrence Malik. Produção de: Dede Gardner, Sarah Green, Grant Hill, Brad Pitt, Bill Pohlada. Estados Unidos, 2011.
10. NASSAR, Raduan. **Lavoura Arcaica**. Companhia das Letras, 1975.
11. ORLEAN, Susan. **O ladrão de orquídeas**. Editora Rocco, 2000.
12. REZENDE, Maria V. **O vôo da guará vermelha**. Editora Objetiva, 2005.

13. STAM, Robert. RAENGO, Alessandra (org.). **Literature and film – A guide to theory and practice of film adaptation**. Blackwell, 1995.
14. VON TRIER, Lars. FOLDAGER, Meta Louise. VESTH, Louise. Melancolia [Filme] Direção de: Lars von Trier. Produção de: Meta Louise Foldager, Louise Vesth. Dinamarca/ França/ Alemanha/ Suécia. 2011.

O vôo da Guará Vermelha
Quinto Tratamento

Por

Renata Gomes

Baseado em: O vôo da Guará Vermelha, de Maria Valéria
Rezende

FADE IN

EXT. PEDREIRA - DIA

IRENE CRIANÇA, 10 anos, caminha pela estrada de terra em direção à pedreira. Ela leva uma cabaça com água e uma marmitta.

O som das pedras quebradas a marretadas enche o ar.

Irene se aproxima de onde os homens trabalham. Parecem todos iguais, curvados sobre o trabalho, sem camisa, as costas expostas ao sol, as marretas cantando.

Irene se aproxima de um homem ajoelhado ao lado de uma árvore. O homem a vê e sorri. É JOSÉ, 50 anos, avô da menina.

José toma a água que Irene oferece. A menina sorri. José então revela o pequeno sagui que tem em uma das mãos. Irene observa encantada enquanto ele dá de beber ao macaco, que parece fraco e doente.

José dá o sagui a Irene, enquanto senta-se para comer da marmitta. A menina segura o macaco sem tirar os olhos dele. José ri da admiração dela.

O bicho tem os olhos caídos e fracos.

EXT. CASA DE IRENE NA INFÂNCIA - DIA

Os olhos do sagui estão mais despertos. O macaco, preso firmemente nas mãos da menina Irene, recebe dela pedaços de fruta.

Guinchando e querendo brincar, o sagui pula no ombro de Irene e puxa-lhe os cabelos, enquanto ela o mantém preso, segurando com firmeza sua cauda.

O macaco escancara a boca em um guincho alto.

José se aproxima e prende ao pescoço do sagui uma coleira de couro de cabrito, presa à uma corrente fina. Irene observa o trabalho, feliz.

José prende o macaco ao galho de uma árvore baixa ao lado da varanda da casa.

EXT. DIA - CASA DE IRENE NA INFÂNCIA

Irene gira de mãos dadas com cinco ou seis meninas, que formam uma roda, cantando e brincando.

Irene escuta o guincho do sagui e olha para os lados. Ela percebe que o sagui se soltou da árvore e se assusta. A brincadeira de roda cessa. Algumas meninas riem.

O sagui corre pelo terreno, arrastando a corrente fininha atrás de si.

Irene, desesperada, persegue o bicho. A corrente serpenteia atrás dele.

Irene tem dificuldades em alcançá-lo. Com um último fôlego, ela estica o pé e consegue pisar na ponta da corrente. Com um tranco, a corrente se estica e depois cai, mole no chão.

INT. ÔNIBUS - DIA

O ônibus sacode com um solavanco e Irene acorda. Ela agora é adulta, com cerca de 40 anos.

Irene olha pela janela em que sua cabeça estivera apoiada. O sol ilumina diretamente seu rosto cansado e magro enquanto reflexos da cidade desfilam pela vidraça.

INT. CLÍNICA MÉDICA - DIA

Irene, sentada em frente à escrivaninha do médico, olha fixamente para o papel amarelo que tem nas mãos. O médico fala, explicando com calma, mas ela não é capaz de ouvi-lo.

INT. FARMÁCIA POPULAR - DIA

Irene recebe os remédios da balconista da farmácia, que confere as caixas com a receita. As caixas de remédios se acumulam sobre o balcão.

BALCONISTA

Esse é cada doze horas. Esse pode tomá sempre que sentir dor. Esse é pra tomá depois das refeições, três vezes por dia. Só pode tomá de barriga cheia, que de estômago vazio faz mal. Esse aqui...

EXT. FARMÁCIA POPULAR - DIA

Irene sai da farmácia com uma sacola plástica cheia de remédios e acena para um ônibus que passa. O ônibus freia a sua frente.

EXT. MORRO - DIA

Irene desce do ônibus tentando enfiar a sacola de remédios dentro da bolsa, que fica estufada e fecha com dificuldade, forçando o zíper. Ela começa a subir o morro, o chinelo batendo no chão de terra vermelha, desviando de uma poça aqui, outra acolá.

Ela passa pelos barracos. Algumas mulheres espiam à janela, algumas crianças brincam, jogando futebol com latinhas ou bolas de meia.

Irene pára e respira fundo. Ela olha para cima, levando a mão aos olhos para protegê-los do sol. Ela vacila um pouco, tonta, mas firma o passo e continua a caminhada.

INT. BARRACO DA VELHA - DIA

Irene segura nos braços um menino de cerca de dois anos, seu filho.

A VELHA, sentada em uma cadeira improvisada, conta umas poucas notas e algumas moedas.

Irene ri para o menino, que permanece sério. Magro e abatido, o menino apenas observa parado, sem emitir som algum. Diante da apatia dele, Irene desiste da tentativa de sorriso.

A velha olha para a bolsa estufada de Irene, mas não fala nada, apenas abaixa a cabeça e guarda o dinheiro em uma velha lata de biscoitos enferrujada.

Irene não percebe os movimentos da velha. Ela segura o filho no colo, passando a mão sobre seus cabelos e plantando um beijo em sua testa.

EXT. RUA - DIA - FINAL DE TARDE

ROSÁLIO, cerca de 35 anos, caminha pelas ruras da cidade cinzenta e vazia. Ele se afasta do canteiro de obras, com sua armação de concreto cinza. Passa por montes de areia e de britas e chega à calçada.

(CONTINUA...)

Rosário tira britas dos bolsos, uma a uma, deixando-as cair pela calçada para marcar o caminho. Ele lança olhares curtos às placas, que aparecem desfocadas à sua vista, pois ele é incapaz de ler o que elas indicam.

Rosário caminha sem rumo, virando esquinas à esmo, levando consigo apenas uma caixa de madeira trancada com um cadeado e as britas, que segue deixando pelo caminho. Não há ninguém nas ruas, nem movimento de carros, a cidade parece parada e deserta.

Após virar uma esquina, ele ergue os olhos e vê uma mulher apoiada ao batente da porta de um antigo sobrado. A mulher olha para baixo, distraída, o vestido vermelho esvoaçando de leve.

Irene é a mulher vestida de vermelho e apoiada à porta. Ela ergue os olhos e vê Rosário. Ela então abre o melhor sorriso falso de que é capaz, levanta a mão e o chama com um gesto.

Rosário vê aquela mulher que sorri e que chama. Ele primeiro olha para os dois lados, mas não há mais ninguém naquela rua silenciosa e deserta.

A mulher de vermelho segue sorrindo. Rosário sorri também, e vai.

Quando chega perto dela, Rosário faz menção de falar, mas ela não presta atenção nele, apenas pega em sua mão e o leva para dentro do velho sobrado mal cuidado.

INT. BORDEL - DIA

Irene e Rosário entram no bordel escuro e vazio. Irene conduz Rosário até seu quarto.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - DIA

Rosário entra no quarto de Irene, que é um pouco mais claro do que o restante da casa, e deposita sua caixa no chão, enquanto ela fecha a porta atrás de si. Rosário abre a boca para falar, mas Irene se aproxima dele, abrindo os botões de sua camisa e descendo as mãos pelo corpo dele. Rosário tenta olhar para ela, mas ela não olha para ele, concentrada nos movimentos de forma fria, profissional.

Irene empurra Rosário para a cama com gentil determinação. Ela segue se movendo mecanicamente, quase com apatia.

(CONTINUA...)

Irene tira um preservativo da gaveta da cômoda e senta-se sobre o homem, de frente para ele, mas sem olhá-lo nos olhos. Rosálio parece um pouco constrangido a princípio, mas em seguida abraça a moça, enterrando o rosto em seus cabelos e fechando os olhos.

Na tarde silenciosa, os dois fazem pouco barulho. Irene nem tira o vestido. Em poucos movimentos, tudo termina.

Irene se levanta, alisando o vestido para baixo e caminhando em direção à penteadeira. Ela fala sem olhar para o homem.

IRENE

É vinte, moço.

Rosálio abotoa a calça e lança a Irene um olhar desconcertado.

ROSÁLIO

Dona eu... não tenho dinheiro, não.

Irene vira-se para ele, incrédula.

IRENE

Não tem... COMO NÃO TEM DINHEIRO?

Irene avança para cima do homem com os punhos cerrados. Soca-lhe o braço e as costas, mas não tem força para causar grande efeito. Ela mete as mãos nos bolsos dele e retira as poucas britas que sobraram. Com um grito de raiva ao ver as pedras, atira-as pela janela.

IRENE

Me dê o dinheiro, seu bandido!
Aproveitador!

Rosálio não reage. Apanha da mulher sem reclamar, mas quando vê que ela começa a chorar, estende o braço em sua direção.

Irene vê o braço dele erguer-se e se encolhe para se proteger da pancada que virá.

Rosálio não bate nela, apenas estede o braço para envolver a mulher que chora. Quando percebe que ele a está abraçando, Irene se debate, mas ele não solta. Ele a segura contra o peito até que ela pára de se mecher e apenas chora.

Rosálio fala com a voz mansa.

ROSÁLIO

Faz muito tempo, uma vez lá perto
de onde nasci, eu encontrei uma
guará vermelha enredada num
(MAIS...)

(CONTINUA...)

ROSÁLIO (...cont.)
espinheiro. Ela tava toda
machucada.
nunca tinha visto tanto sangue na
minha vida, nem em bicho e nem em
gente. Fui me aproximando
devagarinho pra não assusta a
pobrezinha. Ela me bicou e me
arranhou, mas eu não desisti.
Deu trabalho, mas eu soltei ela.

Irene chora baixinho, cansada. Rosálio continua a segurá-la com delicadeza.

ROSÁLIO
Ela nem fico pra agradecer, saiu
voando pra bem
longe... Faz muito tempo.

Irene funga, fecha os olhos e, ganhando forças novamente, se solta dos braços dele.

IRENE
É só isso que você tem pra mim?
Esse seu lero não vai me adiantar
de nada!

ROSÁLIO
Desculpe, dona, eu não sabia. Eu
nem queria fazer nada, você que
quis. Mas eu quando tô devendo, não
nego. Ainda falta uma quinzena pra
eu receber lá na obra. Quando
receber, trago aqui, a primeira
coisa!

Irene olha para o homem à sua frente. Ao desviar um pouco o olhar ela vê a caixa de madeira que ele deixara junto à porta e avança sobre ela.

IRENE
E a caixa? Não acredito que não tem
dinheiro ali! Ande, me de a chave!

ROSÁLIO
Essa caixa guarda o meu maior
tesouro, mas não tem dinheiro, não.

Rosálio tira do pescoço uma corrente com uma chave e entrega a Irene. Ela apóia a caixa nos joelhos e destranca o cadeado.

(CONTINUA...)

Dentro da caixa há dois livros grossos, velhos, gastos e amarelados, além de uns poucos botões coloridos, um velho pião, uma velha carteira de trabalho e mais alguns badulaques sem importância. Irene revira a caixa, mas não encontra uma moeda sequer. Ela tira os livros da caixa, folheando depressa, em busca de algum sinal de dinheiro escondido entre as páginas, mas não há nada.

Frustrada por não encontrar dinheiro algum, ela larga livros e a caixa com violência sobre a cama, apóia os cotovelos nos joelhos e esfrega o rosto com as mãos. Ela olha para frente, os olhos fora de foco, enquanto Rosálio busca os livros e os recolhe nos braços, amorosamente.

ROSÁLIO

Esses livros foi o Bugre que me deu. Eu não sei ler, mas sei a história todinha, que ele mesmo que me contou.

Irene olha novamente para aquele homem simples ao seu lado, que segura aqueles livros com tanta reverência. Irene já respira mais devagar, mais calma. Ela então puxa um dos livros para si, passa a mão sobre a capa e lê.

IRENE

Dom Quixote de La Mancha.

Rosálio olha para ela com admiração ao ouvi-la ler. Empolgado, Rosálio mostra seus conhecimentos, explicando a história com animação.

ROSÁLIO

Essa é a história de um nobre cavaleiro, que lutava pelos fracos, salvando os necessitados do perigo. Ele era um homem muito inteligente, que passava muitos dias lendo livros. Um dia, depois de ler mais de mil livros, ele decidiu que precisava sair de sua casa e viver uma aventura, sempre salvando a quem precisasse ser salvo. Então ele chamou seu escudeiro, Sancho Pança, e os dois partiram pro mundo, valentes sobre suas montarias!

Rosálio fala olhando para cima, em direção à pintura descascada do teto. Enquanto ele fala, Irene deita-se na cama e fecha os olhos, cansada.

(CONTINUA...)

ROSÁLIO

A grande virtude de Dom Quixote era ver nas coisas a sua forma verdadeira. Onde todos enxergavam um moinho de vento, ele via o gigante que tava escondido ali dentro. E na bodega da beira da estrada, onde todo mundo pensava que só tinha uma moça feia e desengonçada, ele sabia que tinha na verdade uma bela princesa.

Rosário faz uma pausa e percebe que Irene dormiu. Rosário, sem-jeito, recolhe seus livros e sua caixa e sai do quarto, tentando não fazer barulho. Antes de fechar a porta com cuidado, ele lança um último olhar à mulher que dorme.

INT. BORDEL - NOITE

Rosário sai do quarto de Irene e fecha a porta atrás de si. No corredor, passa por algumas moças da casa, que cumprimenta com um aceno da cabeça. As mulheres apenas o encaram sem responder.

Na sala, vê mais algumas mulheres conversando com dois homens. Ele segue, segurando sua caixa à frente do corpo com as duas mãos.

EXT. - NOITE

Rosário sai da casa. A cidade ao seu redor parece ter retomada a vida. Pessoas caminham nas calçadas, carros passam pelas ruas. Dois meninos passam correndo por ele, chutando uma latinha amassada.

Rosário pára e olha uma vez mais para o casarão. Em seguida encontra sua trilha de britas no chão, passa a tira da caixa pelo ombro e segue o caminho marcado pelas pequenas pedrinhas que largara.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - DIA

Irene acorda na mesma posição em que dormira, ainda usando o vestido vermelho. A cortina na janela acima de sua cama balança suavemente e o sol ilumina seu corpo magro.

Ela se levanta devagar, lava o rosto, busca no armário outro vestido, prende o cabelo em um coque baixo, arranca os lençóis da cama e tira do armário lençóis limpos, ela serve um copo d'água da moringa e apanha alguns remédios. Irene

(CONTINUA...)

engole os comprimidos e toma a água. Ela então acende seu fogareiro e põe o café para passar.

Enquanto espera o café, Irene senta-se na beirada da cama. Ela abre a última gaveta da cômoda e apanha um velho caderninho e um lápis pela metade.

Apenas as primeiras folhas do caderno estão preenchidas. São diversas letras e palavras repetidas, resquícios de um curso de caligrafia de muitos anos atrás, que Irene folheia devagar e com cuidado.

Irene encontra uma folha em branco, posiciona o lápis na primeira linha, desiste, recua, morde a outra ponta do lápis, apóia novamente o grafite no papel e escreve em letra redonda: "A história da guará vermelha".

EXT. CAMPO ABERTO - DIA

Em um espinheiro ao lado de um lago, uma ave guará vermelha se debate, presa.

Rosário se aproxima, cauteloso. Ele mete as mãos no espinheiro, tentando libertar a ave.

A guará vermelha voa para longe, observada por Rosário. Ouve-se o trinado da guará, que voa cada vez mais alto e mais longe.

Rosário corre pelo mato, seguindo a ave que voa, traçando um risco vermelho no céu. Rosário sorri enquanto corre. Ele pula, grita e comemora, vendo a ave voar pelo céu, livre.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - DIA

Irene descansa o lápis e olha para o papel à sua frente, agora coberto de palavras e frases.

Um som de água fervendo a desperta de seus devaneios. Ela olha para o lado e vê o vapor saindo do bule e o café transbordando.

EXT. OBRA - DIA

Ouve-se a alta sirene da obra, alertando os funcionários para o início do trabalho. Rosário, sentado em um banco de madeira ao lado de outros trabalhadores, termina o pão com manteiga que estava comendo, "vira" o restante da caneca de café e se levanta para trabalhar.

(CONTINUA...)

Rosário carrega um saco de cimento nas costas pelo canteiro de obras. No caminho, passa por uma série de pedreiros e marceneiros, que cortam tábuas de madeira, posicionam tijolos e aplicam argamassa.

Rosário larga o saco ao lado da betoneira e tira o suor da testa com as costas da mão.

Ele mistura a argamassa, carrega tijolos, almoça, dorme na grama de um jardim vizinho, à sombra de uma árvore, acorda com a sirene da obra, carrega cimento, carrega tijolos. Ao final da tarde, a sirene soa uma vez mais e a obra pára.

INT. ALOJAMENTO DOS OPERÁRIOS - NOITE

Rosário está deitado em sua cama, olhando para o teto. Ele se ajeita, fecha os olhos para tentar dormir, mas não consegue. Vira-se novamente, os olhos muito abertos, até que se levanta e sai.

EXT. RUA - NOITE

Rosário caminha olhando para o chão, procurando algum sinal das britas que deixara. Encontra algumas, que apanha e devolve ao bolso.

Rosário chega à rua de Irene, onde vê o sobrado, e pára. Na janela, consegue ver Irene, que anda de um lado para o outro no quarto.

Rosário olha para a caixa de madeira que tem nas mãos e depois para a mulher na janela.

Apertando a caixa nas mãos, ele vai embora.

Quando Rosário vira-se para ir embora, Irene se aproxima da janela. Ela olha intrigada na direção do homem, como se o reconhecesse, mas Rosário já está longe e de costas, e Irene volta-se novamente para dentro do quarto, desanimada. Do lado de fora do sobrado é possível ver a luz amarelada do quarto de Irene se apagar.

INT. CASA DE IRENE NA INFÂNCIA - DIA

José, avô de Irene, está deitado em sua cama. Ele tem o rosto pálido e os olhos fechados. IRENE JOVEM, com 14 anos, está ajoelhada ao lado da cama, segurando sua mão.

Irene tem os olhos vermelhos, mas as lágrimas não saem, contidas à força. Ela levanta a mão em direção aos cabelos brancos do avô e os acaricia de leve.

Irene tem a mão sobre os cabelos de José. Com um rangido, a tampa do caixão se fecha sobre o corpo de José. Irene tira a mão com pressa, evitando por pouco que seus dedos fiquem presos na tampa do caixão, que se fecha com um estalo.

INT. CASA DE IRENE NA INFÂNCIA - DIA

Com um estalo também se fecha a maleta de Irene. Ainda vestida de preto, ela sai do quarto carregando seus poucos pertences. Ela caminha em direção à porta, lançando um breve olhar ao redor.

Ela é observada por um homem mais velho e bem vestido, a barriga redonda forçando o cinto, o palitô branco em contraste com a camisa preta que tem por baixo, o rosto coberto pela sobra de um chapéu tipo panamá. A casa vazia está em silêncio.

Irene caminha em direção à porta. Antes de sair, vira-se para o homem e faz um último apelo.

IRENE

Eu posso ficar no lugar dele na pedreira. Eu sei que eu posso.

Ouve-se a voz do homem como se fosse uma criatura do além, uma assombração maligna, a mão apoiada displicentemente na enorme fivela dourada do cinto.

HOMEM

Pra pedreira tu é fraca demais. Mas se quiser mesmo ficar, a gente pode dar um jeito nisso...

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - NOITE

Irene, adulta, deitada na cama, acorda com um espasmo. Tem o rosto e o corpo encharcados de suor. Na janela acima de sua cama, a cortina balança devagar.

Ela escuta uma batida na porta. Levanta-se para abrir e vê que é Rosálio quem chama.

Tentando disfarçar o cabelo bagunçado e aspecto cansado, ela se vira de costas para ele enquanto penteia os cabelos com os dedos.

ROSÁLIO

Desculpa vir assim, mas eu consegui dinheiro emprestado. Vim pagar a dívida.

(CONTINUA...)

Irene, surpresa, volta-se para ele.

Ela leva a mão à cabeça, com dor, e pisca. Ao fechar os olhos, Irene ainda tem 14 anos. Ainda vê o homem de seus pesadelos à sua frente em um *flash* de memória.

Agora, contudo, ao abrir os olhos é Rosálio quem está a sua frente. Um homem de aparência simples, honesta e ingênua, que tem as mãos cruzadas apertando uma caixa de madeira à frente de corpo.

IRENE

Não tem mais história pra contar?

Rosálio parece intrigado com a pergunta dela. Irene se senta na cama. Rosálio fica parando olhando para ela.

IRENE

Feche a porta.

Rosálio obedece. Irene então indica o espaço ao seu lado na cama.

IRENE

Me conte uma história. De onde você vem?

Rosálio se aproxima dela e por fim senta-se na cama ao seu lado.

ROSÁLIO

Eu nasci na Grota dos Crioulos, ao pé de uma serra sem nome. Minha mãe morreu de tristeza depois que eu nasci. Meu pai ninguém nunca soube quem era, não, que ela nunca contou. Dizem que ficou muda durante toda a gravidez. Mas toda a gente sabia que meu pai não era dali, que eu nasci diferente demais pra ser filho de homem da grota, e que homem nenhum naquela grota ia deixar de assumir o filho que fizesse em minha mãe. Depois da desgraça da morte dela, quem me criou foi minha avó. Mas quem foi como um pai pra mim mesmo foi o Bugre...

EXT. GROTA DOS CRIoulos - DIA

Um menino corre de pés descalços pelo mato. Ouve-se o barulho de risadas de outros meninos ao longe, mas não é possível vê-los. O menino que corria pára e escuta. É ROSÁLIO CRIANÇA, com cerca de 10 anos. Ele veste apenas um calção branco e tem o tronco nu.

Rosálio Criança segue as risadas, correndo ainda mais, até que vê os outros meninos que riem e brincam. Rosálio Criança tem a pele mais clara que os demais. Ele é menor e diferente dos outros.

Os meninos seguem correndo, brincando. Rosálio Criança vê que eles se afastam, deixando-o novamente para trás, e grita.

ROSÁLIO CRIANÇA
Espera! Me espera!

Os meninos diminuem o passo e páram.

JOAQUIM
O que é que cê quer?

ROSÁLIO CRIANÇA
Quero ir no rio também.

JOAQUIM
E você é nem-ninguém pra pensar que pode ir com a gente? Vai ficá com sua vó, seu sem-pai!

Rosálio Criança fica paralizado, enquanto os outros se afastam, rindo. As risadas dos meninos ficam ainda mais distantes, até que desaparecem.

Rosálio Criança olha para os lados, irritado. Cabisbaixo, ele começa a caminhar na direção contrária a que os outros garotos correm. Pelo caminho, ele vai chutando o mato e arrancando folhas, dando vazão à sua frustração.

Após caminhar um pouco, ele vê um vulto deitado no mato, à sobra de uma árvore baixa e contorcida.

Rosálio Criança imediatamente se abaixa, se escondendo no capim. Cauteloso, ele se aproxima do vulto, movendo-se de quatro como uma onça.

Ao se aproximar, Rosálio Criança vê que se trata de um homem, o Bugre, de cerca de 50 anos, que dorme, vestido de botas de couro de cano alto, calças grossas e colete cáqui.

(CONTINUA...)

Rosálio Criança se levanta devagar e se aproxima com cautela. O menino percebe que o bugre tem uma caixa de madeira aos pés e uma espigarda ao lado do corpo.

O menino se aproxima, curioso. Olhando as estranhas roupas do homem, sua espessa barba e seu aspecto sujo.

Rosálio Criança aproxima um pouco a cabeça, tentando escutar a respiração dele, mas logo se fastia tampando o nariz, impressionado com o mau cheiro do homem.

O menino se movimenta ao lado do corpo do estranho, avaliando-o, até que chuta a sola de sua bota. O homem se meche, confuso, e acorda. Ele parece desorientado, e fala com a voz rouca.

BUGRE

Água... água..

O olhos do homem encontram os olhos do menino.

BUGRE

Água...

Rosálio Criança vira-se e corre depressa.

EXT. GROTA DOS CRIoulos - DIA

Rosálio Criança se esquiva por entre as casas, evitando ser visto. Ele se aproxima da cozinha e apanha uma cabaça d'água e uma pamonha, que esconde em uma trouxa de pano.

O menino corre, levando a água e a comida até o Bugre.

EXT. MATO - DIA

O bugre bebe a água que o menino lhe oferece. Tem dificuldades, se engasga, parece fraco e cansado.

Rosálio tira um pedaço da pamonha com as mãos e entrega ao homem, que come com dificuldade. Logo, o homem pega a comida com as próprias mãos e come devagar, observado por Rosálio.

Quando termina de comer, prestes a cair novamente no sono, ele agradece.

BUGRE

Obrigado, Curumim.

INT. CASA DE ROSÁLIO NA GROTA - NOITE

Na madrugada que antecede o nascer do sol, Rosálio Criança acorda. Ele espia na direção de sua avó, que dorme um sono profundo, roncando.

Rosálio Criança se levanta e caminha na ponta dos pés até o cômodo principal da casa, de onde apanha um pano branco.

EXT. GROTA DOS CRIoulos - NOITE

Rosálio Criança sai de sua casa na ponta dos pés. Ele se dirige à cozinha externa, apanha mais uma pamonha e mais água. No caminho, encontra um trabalho de palha trançada pela metade e o leva também.

Com a trouxa de pano em uma mão e o trançado de palha na outra, ele sai da grota em direção ao sol nascente.

EXT. MATO - DIA

Rosálio Criança encontra o Bugre deitado, mas acordado. O homem agradece a comida, enquanto Rosálio Criança arruma o trabalho de palha sobre a cabeça do homem, formando uma cabana.

EXT. MATO - DIA

Rosálio Criança vê os outros meninos correrem em direção ao rio, mas segue contente em outra direção, sem fazer barulho.

Ele caminha com a trouxa de pano cheia sobre o ombro. Quando chega ao local da cabana do Bugre, percebe que ela está vazia. Rosálio olha ao redor, decepcionado.

O menino então ouve um assovio e vê o Bugre caminhando com dificuldade, mas já aparentando estar mais limpo e mais forte.

BUGRE
Bom dia, Curumim!

EXT. GROTA DOS CRIoulos - DIA

Rosálio Criança, emburrado, caminha na frente enquanto o Bugre o segue. Os habitantes da grota páram para vê-los passar, curiosos.

(CONTINUA...)

Uma senhora de idade se aproxima dos dois, é a avó de Rosálio. Ela põe a mão na testa do homem e faz uma expressão de espanto.

AVÓ

E onde foi que cê arranjou esse
bugre doente desse jeito, menino?

(para o bugre)

Venha que eu lhe preparo um chá.

A senhora vira-se e segue caminhando. O Bugre passa a mão sobre a cabeça de Rosálio, dá uma piscadela e se afasta. Rosálio, ainda emburrado, vê o homem se afastar ao lado da avó.

INT. CASA NA GROTA DOS CRIoulos - NOITE

O Bugre, deitado em uma rede, toma uma caneca de chá. Rosálio Criança, meio escondido atrás de uma parede, observa o homem. O Bugre nota o menino e o chama com um gesto. Rosálio, ainda emburrado, se aproxima.

BUGRE

Tá chateado que eu me revelei e
estraguei seu segredo, Curumim? Não
fique, você me salvou.

Rosálio Criança não responde. Apenas olha encabulado para baixo. No chão abaixo da rede está a caixa de madeira do homem.

BUGRE

Apanhe essa caixa ali pra mim.

Rosálio Criança se abaixa e entrega a caixa que o homem pedira. Ele então tira do pescoço uma corrente com uma chave e abre o cadeado. Dentro da caixa há dois livros velhos.

BUGRE

Isso é um livro. Já tinha visto
antes?

Rosálio Criança sacode a cabeça em negativa.

BUGRE

Esse livro conta a história de um
herói, que vivia muito longe daqui.

O Bugre abre o livro e mostra a figura de Dom Quixote montado em seu cavalo, ao lado de Sancho Pança montado em um jumento.

(CONTINUA...)

BUGRE

Esse herói se chamava Dom Quixote,
e vivia resgatando os necessitados,
assim como você, Curumim.

ROSÁLIO CRIANÇA

Eu?

O homem acena positivamente com a cabeça. Rosálio Criança vê as palavras escritas no livro. O menino passa o dedo sobre elas, incapaz de entendê-las.

ROSÁLIO CRIANÇA

E o que são esses desenhos pretos?

BUGRE

São palavras escritas. São elas que nos deixam entender a história que os livros contam.

ROSÁLIO CRIANÇA

Mas eu não entendo nada delas. Aqui eu entendo, no desenho colorido.

Rosálio Criança aponta para a ilustração de Dom Quixote.

BUGRE

Você precisa ler as palavras pra poder entender a história. Mas agora vá lá. Eu preciso dormir e você também.

Ele guarda os livros, tranca a caixa e a entrega a Rosálio Criança, que a coloca no chão com deferência. O menino então se afasta para ir embora, mas pára no meio do caminho.

ROSÁLIO CRIANÇA

Um dia eu também vou saber entender as histórias dos livros?

BUGRE

É claro que vai, meu filho, é claro que vai.

O Bugre já tem os olhos fechados para dormir. Rosálio Criança o observa por mais alguns segundos antes de sair pela porta.

EXT. CASA VAZIA NA GROTA DOS CRIoulos - DIA

O Bugre, Rosálio, sua Avó e Januário, um senhor de cerca de sessenta anos e líder na comunidade, se aproximam de uma pequena casa vazia na periferia da vila.

O Bugre já aparenta estar bem de saúde. Ele tem a barba aparada e agora veste as mesmas roupas de algodão branco que os habitantes da Grota costumam usar. O Bugre carrega uma rede ao ombro.

O grupo pára diante da casa vazia.

JANUÁRIO

Pronto, essa era a casa do Zequinha, mas ele morreu mês passado e não deixou descendência, de forma que cê pode ficar dormindo aqui.

BUGRE

Eu lhe agradeço muito, seu Januário.

JANUÁRIO

Pois agradeça ao povo da Grota, que lhe pegou simpatia.

Januário indica com um gesto a porta da casa. O Bugre avança e entra na casa, Rosálio entra com ele. Juntos, Rosálio e o Bugre penduram a rede na parte de dentro da casa. O Bugre então apóia sua caixa à pilastra central da estrutura.

EXT. BEIRA DO RIO - DIA

Rosálio Criança e o Bugre estão sentados à beira do rio. O bugre tem um pedaço de madeira nas mãos, que entalha com um canivete. O menino observa com curiosidade os movimentos do homem.

O Bugre pára, guarda o canivete no bolso e levanta a espingarda em miniatura que entalhara. Diante do olhar extasiado de Rosálio Criança, o Bugre lhe entrega a arma de brinquedo.

BUGRE

Tome, Curumim. Pra você enfrentar os perigos feito Dom Quixote.

Rosálio Criança apanha a espingarda de brinquedo.

(CONTINUA...)

BUGRE

Tenha cuidado porque ainda falta
lixar, pode ter farpa.

O menino não perde tempo, já aponta o brinquedo para o primeiro pássaro que passa. O Bugre puxa de um dos bolsos um saquinho de tabaco e um pedaço de palha para enrolar o fumo. O Bugre assiste sorrindo a brincadeira do menino, enquanto prepara seu cigarro de palha.

Rosálio Criança corre, entretido. De quando em quando pára, fingindo que caça. O Bugre acende o fumo e sorri para o garoto, que sorri de volta, mas logo volta sua atenção novamente para a caçada de faz-de-conta.

Rosálio Criança corre pelo mato, se afastando. O sol se põe e a noite chega, mas ele continua correndo.

EXT. GROTA DOS CRIoulos - NOITE

Rosálio Criança continua a correr e a brincar. A espingarda de madeira em suas mãos agora está escurecida e gasta, complementada com uma tira de couro que serve de alça. Rosálio Criança também está mais velho, agora é Rosálio Jovem, com 14 anos.

Animado, Rosálio Jovem continua a correr até que chega à gruta.

Quando se aproxima, ele percebe que há muitas pessoas reunidas em frente à sua casa. A maioria tem velas acesas nas mãos. As pessoas rezam em uníssono. A oração cessa e o ambiente fica silencioso. Rosálio Jovem se aproxima e ouve uma voz puxar novamente a oração, é sua avó, que tem uma vela em uma mão e um terço na outra.

AVÓ

Ó meu Jesus, perdoai e livrai-nos
do fogo do inferno, levai as almas
todas para o céu e socorrei
principalmente as que mais
necessitarem. Quinto mistério: a
cruxificação e morte de nosso
senhor Jesus Cristo. Salve
Rainha...

A multidão responde entoando a oração de Salve Rainha em uníssono. Rosálio Jovem passa pelas pessoas até chegar ao centro do círculo. O rapaz então vê o corpo do Bugre, deitado sobre um estrado de madeira, os olhos fechados, as mãos cruzadas sobre o abdôme. Velas acesas contornam o corpo do falecido. Rosálio Jovem fica encarando a imagem do homem

morto, enquanto a ladainha da oração enche o ar da noite à sua volta.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - NOITE

Rosário olha para Irene em silêncio. Rosário olha para Irene e sorri, chega a abrir a boca como se fosse falar, mas muda de idéia e recua, olhando novamente para outro lado. Irene recebe esse primeiro olhar no seu e quase ri da expressão de pedinte que ele lhe faz.

IRENE

Se quer brincar, pode vir, que hoje ainda tenho coragem.

Rosário abaixa a cabeça, balançando de leve, quase imperceptível, fazendo um sinal de "não". Irene se agita, intrigada.

IRENE

Diga, homem, o que deseja. Deixe de ser besta e diga!

Rosário puxa sua caixa para o colo e abre o cadeado. Ele tira de dentro um dos livros.

ROSÁRIO

Queria que cê lesse essa história pra mim, que essa o Bugre morreu sem conseguir me contar direito.

Irene pega o livro nas mãos, surpresa com o pedido de Rosário.

IRENE

Mas tem tanto tempo que eu não leio, vou ler tudo tropeçando, capaz ainda de trocar letra.

ROSÁRIO

Não tem importância, que ler pela metade é melhor do que não ler nada. E esse livro cê há de gostar, que tem mais de mil histórias. Eu conheço a história no geral, mas sei que você é capaz de me contar no detalhe o que está aí escrito.

Irene, recostada aos travesseiros, passa a mão sobre a capa do livro.

(CONTINUA...)

IRENE

Então me conte como é no geral, que amanhã eu hei de treinar pra ler sem erro, e poder lhe contar direitinho no detalhe.

Irene guarda o livro debaixo do travesseiro. Rosálio, animado, começa a contar o que sabe.

ROSÁLIO

Essa é a história de uma bela princesa de nome Sherazade, casada com o rei Sultão. O rei casava com uma donzela nova a cada dia, passava a noite com ela e no dia seguinte mandava matar, pra não ter risco de ser traído, porque ele já tinha tido uma mulher que lhe botou chifres, e ele vivia com aquela mágoa, que atormentava o coração do Sultão, fazendo dele um homem amargurado e desconfiado. Um dia chegou a vez de Sherazade, mas ela era inteligente, sabia muitas histórias que tinha lido nos livros e armou bem seu plano. Já no meio do chamego, começou a rir com gosto, e o Sultão ficou cabreiro, pensando que era dele que ela ria. Então ela explicou que ria de uma história gaiata que tinha se lembrado. Sherazade começou a contar a história para o Suldão, e enredou ele tão bem enredado nas tramas daquele caso, que a história durou mais de mil noites. Toda noite ela lhe dizia que já estava cansada, que amanhã lhe contava um bocado mais. E foi assim que ela escapou, com a força das palavras, do cruel destino que o Sultão dava a todas as suas noivas.

Rosálio olha novamente para Irene, que dorme tranquilamente. Ele olha para o travesseiro, onde seu livro ficara, escondido da vista.

Rosálio então junta sua caixa e sai do quarto, não sem antes lançar um último olhar à mulher que dorme, com seu livro debaixo do travesseiro.

EXT. RUA - NOITE

Rosário caminha tranquilamente pela rua. Ele sorri abertamente, satisfeito. Rosário vê uma brita no chão e a chuta para longe.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - NOITE

Irene tem novamente seu lápis e seu velho caderno nas mãos. Ela escreve, concentrada, até que uma batida na porta a interrompe.

IRENE

Entre!

Rosário abre a porta devagar. Irene faz sinal para que ele se aproxime. Rosário se senta na cama ao lado dela.

Rosário olha para as palavras escritas, incapaz de entendê-las. O dedo de Irene aponta as palavras. Rosário segue com o olhar o dedo fino que percorre a página.

IRENE

Esta é "guará", e aqui, "vermelha". Veja, é assim que se escreve avó. E assim, avô. Mas esse avô não é o seu, é o meu, que trabalhava na pedreira, e quando se foi me deixou sozinha no mundo.

Irene faz uma pausa, olhando para o caderno. Rosário olha da mulher para o caderno, sua atenção dividida.

IRENE

Mas eu não quero falar dessas coisas tristes agora. Veja, com o mesmo V de "avô" se faz "ave". E também "vermelho".

ROSÁRIO

Você tem sorte de saber isso tudo. O bugre até sabia, mas não conseguiu me ensinar porque já não tinha a vista boa. Nem ler seus livros ele conseguia mais. Só conseguiu me contar as histórias porque sabia de cabeça. E eu até hoje só aprendi a primeira letra do nome.

(CONTINUA...)

IRENE

Então pegue aqui. Escreva a letra que eu lhe ensino a completar.

Irene passa a Rosálio o caderno e o lápis. Ela observa enquanto ele faz os primeiros traços no papel. Logo, um R redondo e inseguro surge na folha. Irene olha para ele assustada. Ela fala baixinho.

IRENE

Romualdo?

ROSÁLIO

O que? É R de Rosálio.

Irene fica desconcertada por alguns segundos. Esperava que fosse Romualdo.

IRENE

Sim... mas não era Curumim?

ROSÁLIO

Curumim era o bugre que me chamava, mas não era meu nome. Eu nunca tive mãe e pai que me pusessem nome, e a vó nunca pareceu pensar que fizesse alguma diferença. Rosálio foi o nome que eu mesmo me dei, e quando isso aconteceu, nem a vó era viva mais...

EXT. GROTA DOS CRIoulos - DIA

ZÉ DAS MULAS se aproxima da Grota sacolejando sobre um jumento, puxando mais duas mulas carregadas com grandes sacos nos lombos. Zé das Mulas vai assoviando tranquilamente pelo caminho.

ROSÁLIO JOVEM

Traz notícia da cidade, seu Zé das Mulas?

Rosálio Jovem, com cerca de 14 anos, está em pé sobre uma pedra grande à beira da estrada, observando o tropeiro do alto. Zé das Mulas freia o jumento e levanta a cabeça para ver o garoto.

ZÉ DAS MULAS

E que tanto cê quer saber da cidade, menino? Que mania! Na cidade tá tudo na mesma. Gente nascendo, gente morrendo. Cristão
(MAIS...)

(CONTINUA...)

ZÉ DAS MULAS (...cont.)
sendo batizado e cristão sendo
excomungado. Tudo na mesma rotina.
Agora, por aqui...

Zé das Mulas toca os animais, que retomam o passo vagaroso.
Rosário Jovem desce correndo da pedra e começa a caminhar ao
lado do tropeiro.

ROSÁRIO JOVEM
O que cê quer dizê com isso?

Zé das Mulas tira um envelope fechado do bolso interno do
casaco e o sacode com autoridade.

ZÉ DAS MULAS
Esse papel aqui vai mudar muita
coisa pra vocês.

ROSÁRIO JOVEM
O que tem aí?

ZÉ DAS MULAS
Espera um pouco, que já já chegando
lá eu conto pra todo mundo. Quero
falar com seu Januário primeiro.

Rosário Jovem pula, tentando agarrar o envelope das mãos de
Zé das Mulas, mas não consegue.

ZÉ DAS MULAS
Ná, ná, não. Vai ter que esperar
como todo mundo.

Zé das Mulas se diverte com a curiosidade de Rosário Jovem.

Os dois se aproximam da Grotta. Zé das Mulas desmonta e puxa
o jumento pelas rédeas. Ele guia os animais até uma tina com
água para que bebam. Algumas pessoas chegam para receber Zé
das Mulas, entre eles seu Januário.

JANUÁRIO
Tarde, Zé. O que trouxe de bom pra
gente?

ZÉ DAS MULAS
Tarde, seu Januário. Eu trouxe as
coisa de sempre. Mas dessa vez veio
também um mando lá da cidade. Tão
mandando construir uma casa grande
que eles vão bota escola aqui. Vão
manda uma professora e tudo.

(CONTINUA...)

Rosálio Jovem arregala os olhos. As pessoas próximas ouvem a notícia e começam a cochichar entre si.

JANUÁRIO

Tem certeza, Zé?

ZÉ DAS MULAS

Me disseram que é isso que tá escrito aqui.

Zé das Mulas entrega o envelope a Januário. Alisando o papel com os dedos, Januário encara novamente Zé das Mulas e devolve o envelope intocado.

JANUÁRIO

Nem adianta que aqui ninguém sabe ler carta. Mas se a tal da profesora vem, nós montamo a escola.

Rosálio Jovem sorri, olhando de Zé das Mulas para Januário, encantado.

EXT. GROTA DOS CRIoulos - DIA

Homens e adolescentes trabalham na construção da escola, cortando a estrutura de madeira, moldando tijolos de barro e preparando o telhado. Rosálio Jovem também trabalha, contente.

Quando a casa fica pronta, posicionam-se os bancos de madeira em seu interior. No quarto adjacente à sala de aula monta-se uma cama e uma pequena bancada à modo de penteadeira.

Rosálio Jovem olha para a casa terminada com um sorriso no rosto. Ao longe, escuta seu Januário gritar para o povo.

JANUÁRIO

Ótimo trabalho, pessoal! Amanhã Zé das Mulas tá pra chegar com a tal professora.

O sorriso de Rosálio Jovem se intensifica.

EXT. GROTA DOS CRIoulos - DIA

Rosálio Jovem, parado sobre a pedra alta à beira da estrada, observa o caminho que leva à Grotta. A estrada está vazia. Rosálio Jovem continua observando, mas só vê alguns pássaros que passam cantando. Rosálio Jovem solta um suspiro de cansaço, se senta e apóia a cabeça nos joelhos.

(CONTINUA...)

A imagem de duas pessoas montadas em mulas aparece ao longe. Quando Zé das Mulas e a professora se aproximam, Rosálio Jovem se esconde atrás da pedra, espiando. O rapaz sorri encantado quando a mulher passa por ele, incapaz de vê-lo.

ZÉ DAS MULAS

É bem ali, dona Rosália, tá vendo?
O lugar é simples, mas é bonito e
só tem gente de bem. A senhora tem
que ver o rio que tem lá mais pra
frente, é uma beleza.

A moça sorri discretamente, com gentileza. Ela é jovem, bonita e muito bem vestida.

Zé das Mulas segue tocando seus animais pelo caminho, com Rosálio Jovem se esquivando atrás. Mais adiante o menino pára atrás de uma árvore e fica observando de longe a professora ser recepcionada por seu Januário e várias crianças curiosas.

EXT. GROTA DOS CRIoulos - NOITE

Rosálio Jovem, trepado em uma árvore, observa a escola. Pela janela do quarto da professora se vê a luz amarelada de uma vela acesa.

A moça então aparece à janela, apóia o castiçal no parapeito e observa a vila. Ela tem a expressão triste.

Rosálio Jovem continua observando, encantado, até que ela sai da janela e a luz que vem de seu quarto se apaga.

EXT. GROTA DOS CRIoulos - DIA

Em frente à escola forma-se uma fila com muitas crianças e seus pais. As crianças correm e gritam animadas. Pela porta aberta é possível ver a professora sentada à mesa, com um caderno à sua frente, fazendo anotações.

Ao contrário da tristeza noturna, a professora agora sorri e conversa gentilmente com todos os que se aproximam. Os pais se adiantam com as crianças, fazendo a fila andar aos poucos.

PROFESSORA

Nome da criança?

PAI 1

Maria Aparecida

(CONTINUA...)

PROFESSORA

Nome dos pais?

PAI 1

José Francisco e Antônia. Dos Anjos.

PROFESSORA

Nome das crianças?

PAI 2

José Pedro, Mariana e Ana Paula.

PROFESSORA

Nome dos Pais?

PAI 2

Vitório e Maria do Socorro. Tudo Silva.

Rosálio Jovem entra no final da fila, contente. Ele se põe na ponta dos pés e espia pela janela da sala de aula. Olhando pela janela, ele é capaz de ver a professora e ouvir o que ela fala aos pais e alunos.

PROFESSORA

Nome dos meninos?

MÃE 1

Mariano e Francisco.

PROFESSORA

Nome dos pais?

MÃE 1

O meu é Ana Francisca. O do meu marido era Feliciano, mas ele morreu já.

PROFESSORA

Meus pesâmes... mas o importante pra escola agora é o nome dele ficar registrado aqui. E o sobrenome?

MÃE 1

É dos Santos.

Rosálio Jovem deixa o sorriso murchar ao ouvir aquela conversa. Desviando o olhar da janela, ele olha cabisbaixo para a caixa com os livros que ganhara do bugre, depois novamente para a escola. Triste, ele vira as costas e se afasta.

EXT. GROTA DOS CRIoulos - DIA

Rosálio Jovem, trepado na árvore em frente à escola, escuta a lição que vem lá de dentro.

PROFESSORA E ALUNOS

Bê - a - bá. Bê - é - bé. Bê - i -
bi.

A professora passa pela janela, espia e vê Rosálio Jovem empoleirado na árvore. Ela sorri para ele, que se assusta e tenta se esconder, sem sucesso, atitude que apenas a faz rir mais. A professora então dá às costas à janela e retoma a lição com seus alunos.

EXT. GROTA DOS CRIoulos - NOITE

Da janela do quarto da professora é possível ver a luz amarelada das velas. Rosálio Jovem se aproxima com cautela, até que consegue ver que a professora tem uma carta nas mãos e está novamente triste, chorando baixinho.

Rosálio Jovem tira do bolso trazeiro do calção uma pequena flor. Contornando a escola, ele deposita amorosamente a flor em frente à porta.

EXT. GROTA DOS CRIoulos - DIA

Novamente escondido atrás da árvore, Rosálio Jovem observa a escola, até que a professora abre a porta e encontra a flor que o garoto deixara. Ela deixa escapar um sorriso ao apanhar a planta. Rosálio Jovem também sorri, muito satisfeito consigo mesmo.

As crianças começam a chegar para a aula. Rosálio Jovem se afasta, olhando por cima do ombro enquanto a professora recepciona seus alunos.

EXT. GROTA DOS CRIoulos - AMANHECER

Afastado da vila, Rosálio Jovem está sentado em um canto escuro, mastigando uma fruta e olhando para o céu, que mal começa a mostrar os primeiros sinais do sol nascente.

Em seguida, Rosálio Jovem ouve o som dos cascos da pequena tropa de Zé das Mulas, que se afasta em direção à estrada. Rosálio vê as mulas passarem, carregadas, balançando-se em seu passo vagaroso. De repente, surgem passos leves de alguém, que corre até Zé das Mulas. A pessoa que corre surge no campo de visão de Rosálio Jovem, revelando-se ser a

(CONTINUA...)

professora, com uma cartas nas mãos. Rosálio Jovem se endireita para observar, curioso. A professora beija a carta com emoção e a entrega a Zé das Mulas, dizendo-lhe algo que Rosálio não é capaz de ouvir. Zé das Mulas faz um aceno de concordância com a cabeça, guarda a carta e toca seus animais. A professora fica parada, observando a comitiva. Pouco depois, a professora volta para a vila, e Rosálio Jovem fica observando, seu olhar indo da figura cada vez mais longínqua de Zé das Mulas ao vulto da professora que caminha em direção à escola.

O sol se levanta e ilumina o mundo abaixo dele. Rosálio Jovem se levanta de onde estivera sentado e caminha em direção à vila.

EXT. GROTA DOS CRIoulos - DIA

Rosálio Jovem caminha pela vila e passa em frente à escola, onde a professora já começou a lição, com seus alunos sentados nos bancos de madeira, todos olhando para frente. Rosálio Jovem espia pela janela e vê a professora dando aula, a expressão animada, disfarçando a tristeza.

Rosálio Jovem vira as costas e sai, deixando a escola para trás.

EXT. GROTA DOS CRIoulos - NOITE

Rosálio Jovem, sentado a um canto, com as costas apoiadas à parede de sua casa, finaliza um pequeno balaio de palha, atando firmemente as pontas do material e caprichando no acabamento.

Rosálio Jovem então se levanta e caminha até a porta da escola, onde deixa o balaio em frente a porta. Ao passar pela janela da professora, espia e consegue ver que ela dorme. Rosálio Jovem então se afasta.

EXT. GROTA DOS CRIoulos - DIA

A porta da escola se abre a professora aparece no umbral. Ela vê o balaio e o recolhe, achando graça e olhando de um lado a outro em busca de seu bem feito.

Rosálio Jovem, escondido novamente atrás da árvore, observa a professora.

Alguns alunos começam a chegar para a aula. A professora sorri e faz um gesto com o braço, os convidando a entrar.

(CONTINUA...)

Chegam mais alunos, que entram acompanhados pela professora. Rosálio Jovem vê através da porta aberta a lição começar.

Ouve-se o trote de cavalos ao longe. Rosálio Jovem corre até a beira da estrada para ver do que se trata. Montado em um belo cavalo branco e trazendo outro animal à roboque, um jovem rapaz bem vestido avança veloz pelo caminho.

Várias pessoas páram suas atividades para ver o estranho que se aproxima. Ele freia o cavalo e pergunta para uma mulher onde fica a escola. A mulher aponta e ele acelera novamente, os cavalos levantando poeira ao passarem.

RAPAZ

Rosália! Rosália!

Rosália, a professora, sai de dentro da escola correndo. O rapaz desmonta e os dois se abraçam.

PROFESSORA

Pensei que não fosse conseguir me encontrar.

RAPAZ

Rosália, eu lhe encontraria até mesmo do outro lado do mundo!

Os dois sorriem um para o outro, abraçados. Rosálio Jovem observa à distância.

EXT. GROTA DOS CRIoulos - FINAL DE TARDE

A professora e o rapaz se afastam da grota montados em seus cavalos. Do alto da pedra à beira da estrada, Rosálio Jovem observa o casal. Ele tem um graveto seco nas mãos, que quebra ao meio, com raiva. Ao fundo, o sol se põe, e os amantes a cavalo não passam de pequenas figuras pretas na paisagem.

EXT. GROTA DOS CRIoulos - DIA

Zé das Mulas conduz seus animais para longe da Grota. Quando a comitiva passa pela pedra alta, Rosálio Jovem salta de trás, sobressaltando tropeiro e animais. Rosálio Jovem leva consigo apenas sua preciosa caixa de madeira e uma pequena trouxa de pano.

ZÉ DAS MULAS

Uoa, uoa. Que isso, garoto?

(CONTINUA...)

ROSÁLIO JOVEM

Eu também quero ir pra cidade.
Quero que cê me mostre o caminho.

ZÉ DAS MULAS

Fazer o que na cidade?

ROSÁLIO JOVEM

Na cidade tem escola. Lá eu vou
aprender a ler sem precisar dar
nome de pai e mãe.

Zé das Mulas a princípio ri, mas em seguida percebe a
seriedade do garoto.

ZÉ DAS MULAS

E de que adianta, se você mesmo nem
nome tem?

ROSÁLIO JOVEM

Tenho sim!

ZÉ DAS MULAS

E qual é?

ROSÁLIO JOVEM

É... Rosálio. Rosálio da Conceição.

ZÉ DAS MULAS

Rosálio, é? Então tá. Eu levo você
até a cidade, mas vai ter que ir
andando, porque as mulas já tão
carregadas...

Rosálio Jovem sorri satisfeito e os dois seguem o caminho.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - NOITE

Irene olha para Rosálio, impressionada com a história da
professora e do nome inventado.

IRENE

Se ele foi até lá pra buscar ela, é
porque gostava dela de verdade...

ROSÁLIO

Devia ser mesmo. Mas eu continuei
sem saber ler nem escrever. Agora
me ensine, mulher, que eu já tô
impaciente, e você prometeu.

(CONTINUA...)

IRENE

Está certo. É RO-SÁ-LI-O. R e Ó.
Assim.

Com delicadeza, Irene pega o lápis e o papel das mãos dele e escreve RO.

IRENE

Sua vez.

Rosário repete o gesto.

ROSÁRIO

E o resto?

IRENE

O resto eu lhe ensino depois. Só depois que cê me contar o que acontece nessa sua história, logo depois que cê chegou na cidade.

Ela se levanta, caminha até a cômoda e guarda o lápis e o caderno na gaveta.

ROSÁRIO

Então amanhã eu lhe conto. Já é tarde, e amanhã tem muito trabalho na obra.

Rosário se levanta e caminha em direção à porta. Ele estende a mão sobre a maçaneta quando Irene o impede.

IRENE

Não vá embora ainda.

Irene caminha até Rosário e segura em sua mão. Com gentileza, ela puxa Rosário até a cama. Os dois se deitam lado a lado, e Irene apóia sua cabeça no ombro dele, com os olhos fechados. Rosário estende a mão e apaga a lâmpada do abajour.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - DIA

Uma voz vem do corredor, se aproximando e ficando cada vez mais alta. É Anginha quem fala.

ANGINHA

Irene, me dê um gole de café que é pra tomá com meu remédio. A tonta da mulhé da farmácia mando tomá com as refeição. Falo, assim, como se eu tomasse umas cinco refeição por dia. Ô, Irene!

(CONTINUA...)

Anginha abre a porta e dá de cara com Rosálio dormindo estirado na cama.

ANGINHA

Ô, Irene, quem é esse homem, que eu sei que tu já é puta velha demais pra deixar homem durmi na tua cama!

Irene levanta, de um pulo, de seu lado da cama. Ela corre até Anginha, fazendo sinal para a outra ficar quieta.

Irene tenta puxar Anginha para fora do quarto, mas a outra resiste, espichando o olho para ver melhor que homem misterioso é esse que encantou sua amiga.

ANGINHA

Não é muito novo, não, mas é forte, hein. É por isso que tu deixou ele fica? Não me diz que ele te impressiono?

Por fim, Irene tira Anginha do quarto.

Irene fecha a porta atrás de si e sibila entre os dentes.

IRENE

Pára de grita, mulher!

Anginha alerta a amiga, entre séria e divertida, o dedo em riste.

ANGINHA

Irene, tu abre o olho, que homem quando se apega é problema!

Irene dá uma tapa de brincadeira no braço de Anginha, mas depois abre um sorriso e olha rápido para a porta fechada. Anginha ri com ela.

A porta do quarto se abre e Rosálio aparece, terminando de abotoar a camisa.

ROSÁLIO

Dia.

IRENE

Dia.

Anginha encara o homem que sai, olhando-o de cima a baixo.

Rosálio vai saindo enquanto outras mulheres aparecem na porta de seus quartos para vê-lo.

Irene entra novamente em seu quarto e percebe que Rosálio deixou para trás sua preciosa caixa de madeira.

EXT. PÁTIO DOS FUNDOS DO BORDEL - DIA

Irene está em pé em frente ao tanque de lavar roupa que fica no pátio dos fundos do bordel. Ela bate suas roupas na borda ondulada do tanque, esfregando com força, os braços magros molhados e cheios de sabão.

Irene enxágua as roupas, torce e pendura no varal, esticando bem os lençóis, alguns brancos, outros estampados com flores e alguns coloridos.

Secando as mãos no vestido, Irene entra no sobrado.

INT. BORDEL - DIA

Irene passa pelo corredor dos fundos, de onde é possível ver a sala de estar vazia. Ela vê CLIENTE 1 adentrando a porta, olhando para os dois lados. Não há ninguém mais na sala. Irene então termina de secar as mãos na barra do vestido, ajeita os cabelos e caminha até a sala, tentando sorrir.

Irene se aproxima de cliente 1 e fala com ele. Não é possível ouvir a conversa dos dois. Quando o homem acena a cabeça em sinal de concordância, Irene indica com a mão que ele a siga e os dois cominham pelo corredor.

Irene entra em seu quarto com cliente 1 e fecha a porta.

EXT. RUA - FINAL DE TARDE

Rosálio caminha em direção ao Bordel e entra.

INT. BORDEL - FINAL DE TARDE

Rosálio caminha pelo corredor em direção ao quarto de Irene. Ele então vê que a porta se abre e Cliente 1 sai do quarto. Quando ele sai, a porta se fecha novamente. Rosálio passa por ele sem que os dois troquem olhares.

Rosálio se aproxima da porta do quarto e bate.

ROSÁLIO
Irene, é Rosálio!

A voz de Irene vem lá de dentro.

(CONTINUA...)

IRENE

Já vai!

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - FINAL DE TARDE

Irene se agita ao ouvir a voz de Rosálio. Ela abre o armário, mas já não há lençóis limpos. Ela então puxa a colcha o melhor que pode sobre a cama e joga em cima as poucas almofadas que possui. Por fim, ela confere rapidamente o rosto no espelho da penteadeira, arrumando os cabelos com as mãos, e então corre até a porta para abri-la.

Rosálio entra no quarto, sorrindo de leve para ela. Os dois se olham por algum tempo, até que Irene quebra o silêncio.

IRENE

Venha, me conte mais da sua história.

Irene puxa Rosálio pelo braço. Os dois se recostam à cabeceira da cama.

IRENE

Quando cê chegou na cidade, como foi?

ROSÁLIO

Quando eu cheguei na cidade eu era um menino, e foi lá que eu virei homem. Ia trabalhando, fazendo bico aqui e ali, muitas vezes trocando o trabalho por um prato de comida. Mas não consegui arranjar quem me ensinasse a ler. Foi aí que um dia, caminhando na praça, eu vi um sujeito de pé na caçamba de um caminhão. Ele chamava todos os trabalhadores, prometendo um trabalho que dava muito dinheiro. Aquela promessa me encheu de esperança e eu subi no caminhão. A viagem foi longa. Nós fomos cobertos por uma lona o tempo inteiro, sem água e sem poder ir ao banheiro. Pra um trabalho que prometia tantas maravilhas, aquela primeira viagem já anunciava que alguma coisa tava errada...

INT. CAÇAMBA DO CAMINHÃO - DIA

Rosário, agora adulto, se acomoda da melhor forma possível na caçamba do caminhão, embaixo da pesada lona preta e em meio aos outros homens, que estão tão encolhidos e desconfortáveis quanto ele.

O caminhão sacoleja pela estrada de terra. Rosário, a princípio desperto e atento, não demora a cair no sono.

EXT. ESTRADA DE TERRA EM MEIO À MATA - DIA

O caminhão avança, sacolejando pela estrada. Ao lado do motorista vai o Bode, homem mau encarado e chefe dos vigias. Ele se acomoda na cadeira, recostando a cabeça para trás e tapando os olhos com um boné velho.

INT. CAÇAMBA DO CAMINHÃO - DIA

Rosário acorda com o som da voz de um trabalhador ao seu lado.

TRABALHADOR 1
Água! Água pelo amor de Deus!

Rosário se move, massageando um ombro dolorido. Sua boca se abre, seca. Ele engole saliva, olhando para o trabalhador que continua pedindo água, batendo na lataria do caminhão, na parte que divide a cabine da caçamba e fazendo um barulho alto de metal. O caminhão pára.

EXT. ESTRADA DE TERRA EM MEIO À MATA - DIA

Os vigias do caminhão descem do veículo, entre eles o Bode. Os vigias carregam armas de fogo, espingardas e pistolas. Um deles ergue a lona com violência. Rosário leva as mãos aos olhos para protegê-los da súbita claridade.

TRABALHADOR 1
Água, por favor!

Um vigia se aproxima do trabalhador que pede água.

VIGIA 1
Cala a boca!

O vigia acerta a cabeça do homem com a coronha da espingarda.

(CONTINUA...)

BODE

Alguém mais tá precisando de alguma coisa?

Ninguém tem coragem de responder.

BODE

Ótimo.

Os vigias retomam seus postos, espalhados pelo caminhão. A lona volta a cobrir os homens. O Bode manda seguir viagem.

INT. CAÇAMBA DO CAMINHÃO - FINAL DE TARDE

Rosálio aperta a bexiga. Seu rosto se contorce com a dor.

Rosálio morde o lábio, agoniado. Fecha os olhos e dorme novamente.

EXT. MATA - NOITE

O caminhão pára em frente a um galpão. A lona que cobre os trabalhadores é novamente removida. Muitos acordam assustados, alguns continuam deitados, muito cansados e zonzos.

Rosálio se levanta com dificuldade e percebe que tem as calças molhadas de urina.

Os vigias começam a puxar os trabalhadores para fora do caminhão. Rosálio repara nas armas que eles carregam.

De uma casa ao lado do galpão saem mais alguns vigias carregando uma panela enorme. Os vigias apóiam a panela no chão e abrem espaço.

BODE

Hora da bóia!

O Bode ri enquanto os trabalhadores avançam sobre a panela. Rosálio apanha a comida com as mãos, assim como os outros. A comida não passa de um arroz pastoso de péssimo aspecto. Um dos vigias entrega uma cabaça com água aos trabalhadores, que bebem com avidez.

BODE

Tá bem, já comeram bastante! Que banquete, hein? Agora todo mundo pra dentro!

O Bode então repara na caixa de madeira que Rosálio tem nas mãos.

(CONTINUA...)

BODE

Espera aí! Deixa eu ver essa caixa
aí!

Sem opção, Rosálio entrega a caixa ao homem, que inspeciona o objeto, girando-o nas mãos.

BODE

Bacana. Agora podem ir lá pra dentro.

O Bode segura a caixa de Rosálio nas mãos. Os vigias começam a guiar os trabalhadores para dentro do galpão, mas Rosálio fica no mesmo lugar.

ROSÁLIO

Moço, eu posso ter as minhas coisas de volta, por favor?

BODE

Moço?

O Bode ri com desdém. Rosálio se aproxima com as mãos estendidas, mas é empurrado pelo Bode e cai no chão.

BODE

Sai, peste! É senhor Bode, pra sua informação, tá ouvindo? E isso daqui agora é meu. Ainda vô desconta da sua dívida da viagem, pra cê ver como eu sô generoso.

Alguns vigias riem. Rosálio se levanta, amuado. O Bode fala enquanto apanha um cigarro do bolso da camisa.

BODE

Agora andem logo, pra dentro!

Os vigias recolhem a panela, enquanto alguns trabalhadores ainda tentam comer mais. Os vigias os afastam e começam a empurrá-los para dentro do galpão com violência.

INT. GALPÃO - NOITE

O grupo de trabalhadores entra no galpão, intimidado pelas armas dos vigias. O interior do galpão é escuro e sujo. Dezenas de redes velhas e puídas estão penduradas nas vigas. Algumas redes já estão ocupadas por trabalhadores de aspecto magro e cansado. Alguns deles se levantam para ver a chegada dos novatos, mas a maioria apenas dorme, indiferente ao movimento.

(CONTINUA...)

Os vigias saem. Ouve-se o barulho de correntes e de um cadeado se fechando.

Rosálio tenta se deitar em uma das redes, mas outro homem o impede, tomando-a para si. Rosálio ainda tenta outra rede, de aspecto mais limpo, mas é novamente impedido por um homem mais velho e mais forte. Resta a ele uma rede menor, no canto do galpão, ao lado da parede feita de tábuas de madeira.

Rosálio se deita e fecha os olhos.

EXT. GALPÃO - DIA

Os trabalhadores formam uma fila em frente ao galpão. Os vigias, novamente armados, distribuem ferramentas ao grupo.

EXT. FLORESTA - DIA

Os trabalhadores cortam árvores com motosserras e machados. Rosálio trabalha no grupo que carrega os troncos caídos até o caminhão.

Uma árvore tomba e Rosálio se aproxima de sua copa, agora recostada ao chão. Ele apanha algumas sementes e as coloca no bolso. Logo em seguida retomando seu trabalho de cortar os galhos e carregar o tronco.

EXT. FLORESTA - FINAL DE TARDE

Ao final do dia de trabalho, os vigias armados guiam novamente o caminhão com os trabalhadores até o galpão.

EXT. GALPÃO - NOITE

Rosálio roda nas mãos as sementes que catara durante o dia. Ele tem também uma pedra, que usa para fazer um risco na parede ao lado de sua rede.

Rosálio se levanta e caminha em direção à porta. Ele dá três batidas e a voz de um vigia, vindo abafada do lado de fora, pergunta.

VIGIA 1

O que é?

ROSÁLIO

Preciso ir ao banheiro.

O vigia destranca o cadeado e deixa Rosálio sair.

EXT. GALPÃO - NOITE

Próximo ao galpão, em frente à casa dos vigias, Rosálio vê o Bode sentado em uma cadeira à varanda, com sua caixa ao lado.

O vigia, portando uma espingarda, empurra Rosálio em direção à mata.

VIGIA 1

Vamo logo.

Rosálio e o vigia caminham até a beirada da mata. Rosálio contorna uma árvore e o vigia logo grita.

VIGIA 1

Tá bom aí!

O vigia observa segurando sua arma enquanto Rosálio, de costas para ele, urina na mata.

Rosálio observa a mata escura à sua frente, escutando o ruído de pássaros e insetos.

VIGIA 1

Anda logo!

Rosálio fecha a calça e volta em direção ao galpão, seguido de perto pelo vigia armado.

Antes de ser trancado novamente com seus companheiros, Rosálio lança um último olhar à sua caixa, que jaz aos pés do Bode.

EXT. FLORESTA - DIA

O trabalho de derrubada de árvores e transporte de troncos prossegue.

Com gemidos e estalos, as altas árvores caem pesadamente ao chão.

Os vigias, sempre armados, observam os trabalhadores. Rosálio executa sua tarefa, aproveitando para coletar as sementes de cada árvore que cai.

O Bode percebe que Rosálio guarda as sementes nos bolsos.

BODE

Corre aqui, Caroço! Não fica perdendo tempo!

Rosário segue o chamado do Bode até a última árvore caída para continuar seu trabalho de cortar os galhos e carregar o tronco.

INT. GALPÃO - NOITE

Rosário risca mais uma marca na parede, completando trinta dias marcados. Ele confere a conta, movendo os lábios quando seu dedo toca cada risco. Ao chegar a conta de trinta, ele sorri satisfeito.

Rosário então corre até a porta do galpão e bate na madeira. A voz de um vigia vem lá de fora.

VIGIA 1

O que é?

ROSÁRIO

Eu quero falar com o senhor Bode.

O vigia abre a porta e Rosário sai.

EXT. GALPÃO - NOITE

O vigia se aproxima da varanda da casa, onde o Bode está sentado, fumando. Ao lado dele, alguns vigias jogam cartas.

VIGIA 1

Ô Bode, o muleque aqui quer falar contigo.

O bode abaixa os olhos e reconhece Rosário, que se aproxima com timidez.

BODE

O que é que tu quer, Caroço?

ROSÁRIO

Bom, seu Bode, é que eu... eu vi que já faz trinta dias que eu tô aqui. Aí eu queria saber se dá pra fechar a minha conta pra eu ir embora.

O Bode olha para Rosário como se não acreditasse no que ouve. Ele levanta da cadeira, desce da varanda e fica frente a frente a Rosário.

BODE

Como é que é?

Rosário encara aquele homem de aspecto assustador.

(CONTINUA...)

ROSÁLIO

Eu quero fechar a minha conta do mês, pra poder ir embora.

O Bode olha sério para ele, mas logo em seguida explode em gargalhadas. Os outros vigias riem junto com ele. O Bode então finge se esforçar para recuperar a seriedade.

BODE

Caroço, tu sabe quanto tu tá devendo?

Rosário, confuso, acena negativamente com a cabeça.

BODE

Pois eu tenho tudo aqui.

O Bode tira uma caderneta do bolso, abre em frente a Rosário e finge que lê.

BODE

Seu Caroço. Da viagem tá devendo cento e cinquenta. - Isso que eu já descontei cinquenta da caixinha, veja bem. De comida, tá devendo trezentos. Tá comendo demais, hein? De alojamento, outros trezentos.

O Bode fecha a caderneta e balança o objeto na frente de Rosário.

BODE

Tá vendo, Caroço? Ainda tem que trabalhar muito pra pagar isso daqui. Agora já pra dentro!

Rosário se enfurece e faz menção de partir para cima do Bode, mas um dos vigias lhe dá um soco no estômago. Rosário se dobra com o golpe e é carregado pelos vigias de volta para o galpão. Os vigias atiram Rosário para dentro do galpão e trancam a porta novamente.

EXT. FLORESTA - DIA

Sob o olhar atento dos vigias, os homens trabalham. As árvores altas cedem à força da motosserra, gemendo ao caírem ao chão.

Rosário trabalha com a expressão cansada e abatida. Ele olha na direção do Bode, que retorna seu olhar com um sorriso maldoso.

Ao pôr do sol, os vigias guiam os trabalhadores novamente ao galpão.

INT. GALPÃO - NOITE

Rosário olha para os riscos que fizera na parede ao lado de sua rede. Irritado, ele soca a tábua de madeira, que balança em baixo, frouxa.

Surpreso, Rosário se abaixa e percebe que a tábua não encosta completamente no chão. Puxando por baixo, a tábua se desloca um pouco para frente.

Olhando para os lados, Rosário verifica que não está sendo observado. Ele se abaixa e cava um pouco a terra com as mãos. Em seguida, puxa um pouco mais a tábua, abrindo um espaço grande o suficiente para rastejar por baixo.

Rosário espia pelo buraco criado. Não se vê ninguém do lado de fora, apenas a mata escura à distância. Rosário se abaixa e passa pelo buraco.

EXT. GALPÃO - NOITE

Rosário dá a volta no galpão, colado à parede, e espia em direção à casa dos vigias. Na varanda, o Bode e mais alguns vigias jogam cartas.

Com agilidade, Rosário corre da parte de trás do galpão até a parte de trás da casa, onde pára, ofegante, e espia mais uma vez na direção da varanda da casa.

Em frente à varanda da casa, vigia 1 nota um movimento e faz menção de se levantar para investigar, mas nessa hora vigia 2, que está jogando cartas com o grupo, grita algo. Vigia 1 vira-se para ver o que está acontecendo no jogo e desiste de ver o que havia atrás do galpão.

Rosário, ao chegar atrás da casa, encontra uma janela. Ele consegue empurrar a janela e entrar por ela. Um pouco depois, Rosário sai pela mesma janela, carregando sua caixa. Rosário então corre o mais rápido que pode em direção à floresta.

EXT. VARANDA DA CASA DOS VIGIAS - NOITE

Vigia 1 olha novamente em direção à mata, reparando em algo que se move na escuridão. Ele se levanta com a espingarda na mão.

(CONTINUA...)

VIGIA 1

Acho que tem alguma coisa ali.

VIGIA 2

Deve se só um bicho.

BODE

Pois vão os dois lá ver se não é
bicho homem.

Vigia 1 e Vigia 2 pegam suas armas e caminham em direção à floresta, acelerando o passo aos poucos.

EXT. FLORESTA - NOITE

Rosálio, com a caixa nas mãos, continua correndo o mais rápido que pode, desviando das árvores que crescem próximas.

EXT. GALPÃO - NOITE

Vigia 1 e Vigia 2 contornam o galpão. Vigia 1 vê o buraco na parede do galpão pelo qual Rosálio saíra.

VIGIA 1

Fujão! Tem um fujão!

Vigia 1 e vigia 2 correm de volta à varanda. O Bode e os outros vigias, tendo ouvido os gritos, já se colocam de pé, pegando as armas. O Bode dá ordens.

BODE

Nefasto, pegue os cachorros. Sangue nos óio, ocê mais o Matuto fazem a recontagem dos homens. O resto vem comigo.

Os vigias se apressam em obedecer às ordens. Ouve-se latidos de cachorros.

EXT. FLORESTA - NOITE

Rosálio continua correndo. Ele escuta os latidos dos cachorros ao longe e aperta o passo, ofegante. Com os pés descalços, ele tropeça em uma raiz saliente e sufoca um grito de dor, levantando-se o mais rápido possível e retomando a corrida.

EXT. FLORESTA - NOITE

O Bode e seu grupo de vigias entra na floresta, seguindo os cachorros, que farejam o rastro do fugitivo.

EXT. FLORESTA - NOITE

Rosálio diminui o passo, exausto. Encontra uma árvore de que é capaz de subir e trepa nos galhos. Ao atingir uma altura razoável, recosta-se ao tronco e fecha os olhos, apertando mas mãos a tira de couro da caixa.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - NOITE

Irene olha para Rosálio impressionada.

IRENE

E eles não te alcançaram?

ROSÁLIO

Se tivessem alcançado, eu não estaria aqui contando essa história.

IRENE

E o que aconteceu depois?

ROSÁLIO

No dia seguinte eu acordei escutando o som de voz humana. Me assustei tanto que quase que eu caio do galho e racho a cuca. Era um grupo de homens que vinha vindo. Fiquei espiando com medo que fosse o Bode com os vigias, mas esses homens não tinham cachorros de caça nem armas, parecia gente de bem. Assim, criei coragem pra me revelar e eles me ajudaram. Me deram água e comida. Então eles me disseram que iam pra um lugar cheio de riquezas, onde o ouro brotava da terra e que nem precisava cavar direito pra achar. Um dos homens, o Silvano, já tinha estado lá e jurava que era assim mesmo, e todos iam com ele encantados por aquela palavra de riqueza.

Irene, já recostada nos travesseiros, olha para Rosálio com encantamento, mas o cansaço já começa a tomar conta de seu corpo, e seus olhos vão se fechando devagar.

Rosário olha com ternura para a mulher deitada na cama.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - DIA

Irene está penteando os cabelos quando olha para o lado e vê o livro de Rosário, *As mil e uma noites*, sobre a cômoda. Ela apanha o livro e começa a folheá-lo. Ela encontra um trecho interessante e lê em voz alta, se atrapalhando com as palavras mais difíceis.

IRENE

Sherazade usou da mesma astúcia.
Quando terminava uma história,
começava a contar outra ainda mais
interessante.

Irene se levanta com o livro nas mãos e caminha pelo quarto.

IRENE

A cada dia, prosseguia em sua
narração até um certo ponto
e, fazendo suspense, interrompia-a
num momento decisivo, despertando a
curiosidade do sultão, que dizia a
si mesmo: "- Vou deixá-la viva só
mais esta vez para saber como essa
história maravilhosa termina; mas
amanhã, sem dúvida, mando
executá-la." E assim, por meio das
histórias das Mil e Uma Noites,
Sherazade conseguiu enfeitiçar o
esposo e adiar a morte.

Irene se senta na cama, levanta a cabeça e desvia o olhar do livro.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - NOITE

Rosário e Irene sentam-se lado a lado na cama. Irene tem os livros apoiados nos joelhos e lê em voz alta.

IRENE

...Para ser franco, não posso
acreditar no que você está dizendo.
Nesse vaso não caberia nem mesmo um
pé seu, como é possível que o corpo
inteiro estivesse preso aí dentro?
- Mas eu juro que é verdade -
respondeu o gênio. Você não
acredita, mesmo depois de eu ter
jurado? - Não mesmo! Conte outra...

(MAIS...)

(CONTINUA...)

IRENE (...cont.)

É impossível acreditar, a menos que você me mostre como fez para ficar fechado aí dentro... Ver para crer...Imediatamente o corpo do gênio dissolveu-se em fumaça, que se estendeu sobre o mar e a praia e,depois, juntando-se, começou a entrar de novo naquele vaso de cobre, lentamente, até que nada ficou de fora. Logo saiu dali uma voz que disse: - E então, pescador incrédulo, eis-me dentro do vaso. Acredita em mim agora? O pescador, em vez de responder ao gênio, pegou correndo a tampa de chumbo e fechou-o dentro do vaso.

Irene pára de ler e olha para Rosálio, que ri da história contada. Ele passa a mão sobre a capa do livro. Irene boceja. Rosálio boceja também e os dois riem da sincronia.

Rosálio pousa o livro sobre a mesa de cabeceira enquanto Irene se recosta nos travesseiros, olhando para ele, mas fechando os olhos em seguida.

Rosálio se afasta e apaga a luz antes de sair do quarto.

EXT. QUERMESSE - NOITE

Irene, com 14 anos, passeia pela quermesse ao lado de uma amiga. As duas jovens dividem uma cocada enquanto conversam animadamente, apontando para as atrações da quermesse.

Atrás do carrossel, o jovem Romualdo, 18 anos, espia Irene.

Irene vê que Romualdo está escondido, espiando. Ela olha para o carrossel com o canto do olho. A amiga não percebe a troca de olhares e continua falando.

Irene olha em outra direção e vê José conversando com uma mulher, distraído.

IRENE

Iih, acabo a cocada. Vou ali buscar mais uma.

Antes que a amiga possa responder, Irene sai. Ela passa por duas barracas de comida, faz uma curva e chega ao outro lado do carrossel.

Irene vê Romualdo, que a espera, e os dois se abraçam. Irene então vê uma maleta no chão.

(CONTINUA...)

IRENE

Romualdo, que maleta é essa?

Romualdo segura as duas mãos de Irene com carinho nas suas, mas hesita em responder.

IRENE

Romualdo, responda já!

Romualdo cria coragem e fala com firmeza.

ROMUALDO

Eu vou entrar pro exército, Irene. Já me apresentei no quartel e amanhã mesmo eles tão me esperando lá.

Irene abre a boca, impressionada.

IRENE

Cê tá me abandonando, Romualdo?

ROMUALDO

Não Irene, não tô, não é isso. Eu vou voltar pra te buscar. Eu prometo. Irene, eu juro.

Irene balança a cabeça em negativa, desesperada, até que Romualdo segura seu rosto e a faz olhá-lo nos olhos. Romualdo fala com firmeza.

ROMUALDO

Eu volto.

Romualdo e Irene se beijam.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - DIA

O quarto de Irene está vazio. Do lado de fora, chove pesadamente. Irene irrompe pela porta, molhada e carregando um cesto de roupas lavadas, algumas ainda com os grampos pendurados, tendo sido retiradas do varal às pressas. Irene larga o cesto de roupas sobre a cama, abre as portas do armário e pendura sobre elas os lençóis, improvisando um varal. Sobre a cadeira, pendura um vestido.

Anginha aparece na porta, com uma toalha seca nas mãos. Ela se aproxima de Irene e põe a toalha sobre seus ombros.

ANGINHA

Se seque depressa, mulher, vai ficar doente!

(CONTINUA...)

Anginha esfrega as costas de Irene com a toalha, como faria uma mãe. Irene solta uma risada amarga, um riso meio de escárnio, meio de desdém.

IRENE

Ficar doente? Doente eu já tô! Até não seria ruim se ficasse pior, assim me ia dessa vida de vez, que um pé no outro mundo eu já tenho.

ANGINHA

Que isso, mulher!? Não fale assim que atrai, virge Maria!

Anginha faz o sinal da cruz. Irene fala passando a mão sobre os lençóis pendurados. Ela fala com tranquilidade.

IRENE

E o que me importa, se esse meu arremedo de vida já não vale a pena? Eu me levanto todos os dias, tomo o café, tomo os remédios, lavo os lençóis pra ficarem branquinhos branquinhos e pra que? Que mais um pouco eu me vou dessa vida, então que serventia tem isso tudo?

ANGINHA

E o homem das histórias? Ele te faz bem que eu sei.

Irene se volta novamente para Anginha.

IRENE

Quem disse que homem bom quando vem demora? Já faz três dias que não vem. Na certa esqueceu de mim, ou voltou pra mulher dele, que homem desse não é solto no mundo assim, não.

Anginha e Irene trocam um olhar de tristeza. Irene volta-se novamente aos lençóis, passando a mão sobre o tecido branco ainda marcado por grossas gotas de chuva

IRENE

E se por acaso voltar, vou lhe dizer que vá embora. Que vá embora, porque eu não presto pra você, não sou mais nada, não mais que um caco de mulher triste, não tenho tempo pra perder com um homem falador, que tenho que trabalhar, que vá
(MAIS...)

(CONTINUA...)

IRENE (...cont.)
embora, xispa, xô! Que eu não tenho nada pra lhe dar, que amor de puta acabada não vale um minuto na vida de um homem são. Não quero lhe prender - que direito eu tenho? - não quero lhe prender que você não é Sultão e eu não sou uma bela princesa como Sherazade.

Irene não percebe que Rosálio entra no quarto, devagar, mas escutando suas palavras. Anginha olha de Rosálio para Irene.

ROSÁLIO
Não diga tanta besteira, que o amor não é assim.

Irene escuta a voz de Rosálio e pára, os olhos fixos à frente, incapaz de crer no que ouve. Irene se vira devagar em direção àquela voz.

ROSÁLIO
O amor é como um menino que não sabe fazer contas nem de perda nem de ganho, vive descautelado, não tem lei, não tem juízo, não se explica nem se entende. Foi a lição que aprendi com a história de João dos Ais.

Irene sorri para Rosálio, se adianta e enterra a cabeça em seu peito, chorando. Rosálio abraça Irene, afagando-lhe os cabelos.

Anginha sai do quarto e fecha a porta.

ROSÁLIO
Foi quando eu caminhava, perdido pelo mundo, que encontrei no meio da caatinga a casa de João dos Ais. Ele me acolheu e me deu pouso, e eu fiquei na casa dele vários dias.

João dos Ais passava seus dias sozinho, esculpindo imagens de santos na madeira, que pra esse trabalho tinha uma habilidade sem comparação.

Rosálio conduz Irene até a cama. A mulher, tonta, fraqueja um pouco, mas ele a segura, ajudando-a a firmar novamente o passo.

(CONTINUA...)

ROSÁLIO

Mas João dos Ais vivia triste, cantando uma cantoria chorosa e lamurienta. Foi só depois de um tempo que eu tive coragem de perguntar pra ele porque se lamentava tanto. E ele me contou sua história.

João dos Ais me contou que nem sempre tinha sido triste assim. Quando era mais jovem, era alegre e festeiro, e toda gente se animava na presença dele.

Rosário põe Irene sentada na cama e se ajoelha aos pés dela. Ele segue contando a história de João dos Ais.

ROSÁLIO

O João desde muito novo era apixonado pela menina Floripes. Mas Floripes não queria saber dele.

Floripes insistia que seu homem seria um cavaleiro, vindo de muito longe. Ela batia o pé e jurava que ia casar com um homem que chegaria de outras bandas, montado em uma montaria maravilhosa, e a levaria para muito longe dali.

Rosário passa a toalha pelos cabelos de Irene com delicadeza, para secá-los.

ROSÁLIO

Mas o amor de João dos Ais era tanto, e tantas serenatas ele fez, e tanto esperou a resposta de seu pedido, que um dia Floripes mudou de idéia, mandou chamar João e lhe disse que com ele se casava. João nunca soube o que fez o amor da moça mudar, mas não fez questionamento, e com ela se casou.

Rosário vira-se em direção ao armário. Tira lá de dentro uma camiseta de mangas compridas e uma calça de moletton, um pouco velhas e desbotadas. Rosário passa as roupas a Irene de costas para ela, olhando para o armário. Irene apanha as roupas, tira o vestido molhado, se seca de leve e veste a camiseta e a calça enquanto Rosário continua contando.

(CONTINUA...)

ROSÁLIO

João e Floripes se casaram e começaram uma vida tranquila e feliz. Ela cuidava da casa e, de tardezinha, se sentava na oficina para ver João trabalhar. E Floripes dizia: Meu João, eu lhe quero bem.

E João pensava que jamais ninguém no mundo poderia ser tão feliz quanto ele.

Mas o destino é traiçoeiro por demais. Quando parece que muda, está apenas espreitando, esperando sua hora, e cedo chegou a hora do tal fado que Floripes há muito tinha escolhido vir cobrar a sua conta. E quando foi chegando a festa do padroeiro, o povo todo se preparando, o Napoleão Sanfoneiro achou de cair do alto numa árvore e rachar a cuca. Sem sanfoneiro, a festa não tinha graça.

Irene já está vestida com a camiseta e a calça. Rosálio vai até ela, acomoda os travesseiros sob seu corpo magro e a cobre com o lençol e as cobertas que encontra no armário.

ROSÁLIO

Mas como que pra atender as preces dos festeiros - ou os desígnios do coisa ruim - apareceu um sanfoneiro andante, de nome Beto do Fole, montado não em um cavalo, mas em uma motocicleta que brilhava na luz do sol e tinha um ronco de trovão que ninguém por aquelas bandas tinha ouvido antes. Foi na visão daquele cavaleiro montado em metal reluzente que Floripes reconheceu seu destino.

Rosálio termina de cobrir Irene e senta-se ao seu lado. Irene luta contra o sono, tentando se manter desperta para ouvir o resto da história.

ROSÁLIO

A festa foi tão boa, que arrastou o povo por sete dias e sete noites.

Finda a festa, Beto do Fole fez roncar sua motocicleta e partiu,
(MAIS...)

(CONTINUA...)

ROSÁLIO (...cont.)
levando na garupa a mulher do pobre João.

Mas João não arrefeceu no seu amor. Continuou esperando a volta de Floripes, e prometeu que se ela voltasse, nunca mais esculpia na madeira figura mundana, ia passar o resto da vida só fazendo figura de santo.

E foi então que, meses depois, João viu que o sol brilhava diferente na sua janela...

... e quando abriu a porta, deu com Floripes na varanda de casa. A coitada tava toda estropiada, mas João ficou tão contente por ela ter voltado que nem reparou.

Rosálio pega um pente e penteia os cabelos de Irene com delicadez.

ROSÁLIO
João cuidou dela com amor e dedicação, e Floripes foi recuperando a alegria e a formosura.

Foi então que, passados mais alguns meses, ouviu-se lá de longe um ronco de trovoadas, que foi crescendo e se aproximando da casa de João dos Ais.

Quando João foi abrir a porta, lá estava Beto do Fole em sua motocicleta. Não careceu dizer palavra, nem desligar o motor, Floripes se foi com ele.

João dos Ais nasceu ali, perdeu a mulher de novo mas não perdeu a esperança de que um dia ela voltava.

Rosálio, deposita o pente na mesa de cabeceira.

ROSÁLIO
Até que depois de um tempo,
Floripes aparecia, sempre triste e
(MAIS...)

(CONTINUA...)

ROSÁLIO (...cont.)
maltratada, João dos Ais cuidava
dela, e quando ela embelezava,
recomeçava a sorrir, João dos Ais
se preparava pra noite de trovoadas.

Irene pisca pesadamente, até que desiste de tentar continuar acordada e fecha os olhos de vez.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - DIA

Irene acorda e vê Rosálio sentado na cama ao seu lado. Do lado de fora, a chuva cessou e o sol brilha. Rosálio está olhando para o caderno, concentrado. Quando Rosálio vira o rosto na direção de Irene, ela vê Romualdo em seu lugar, mas pisca depressa e já enxerga Rosálio novamente.

Rosálio se aproxima dela e os dois se recostam à cabeceira da cama. Rosálio apóia o lápis no papel e mostra a ela como aprendeu a escrever RO.

Irene apanha o lápis e o ensina como se faz ROSÁ. Lhe mostra também que de ROSÁ se faz ROSA, desenhando ao lado da palavra a flor correspondente.

Os dois sorriem um para o outro enquanto Irene demonstra a escrita de diversas palavras. Ao lado de CASA, desenha as paredes, janelas, portas e o teto de um lar. Ao lado de SOL, faz o astro redondo, com olhos e sorrindo, como um desenho de criança. Em seguida vem MAR, com o desenho de ondas quebrando na praia.

Rosálio pega o lápis e também faz suas versões das palavras. Algumas palavras são iniciadas por Rosálio e completadas por Irene. Outras, é ela quem dá as primeiras letras e ele quem preenche o resto.

Quando o caderno se enche de palavras e desenhos, com a caligrafia dos dois entrelaçada. Irene se levanta. Ela apanha o fogareiro, uma pequena frigideira e o bule de café.

Rosálio, recostado à cama, observa.

Irene olha para Rosálio e vê seu avô, sentado à mesa da pequena cozinha da casa que os dois compartilhavam.

INT. CASA DE IRENE NA INFÂNCIA - DIA

Irene Jovem está em pé diante do fogão da pequena cozinha de sua casa. Ela prepara um café-da-manhã para seu avô, que a observa sentado na mesa.

Irene Jovem quebra um ovo na frigideira, que estala e chia. Ela olha para o avô e depois novamente para a frigideira e para o bule de café no fogão.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - DIA

Irene olha para a comida a sua frente e sorri. Ela prepara café, ovos mexidos e torradas. Ela divide o olhar entre o homem na cama e a comida. Irene põe as torradas e os ovos em um prato, serve o café em uma caneca e leva a comida até a cama.

Rosário e Irene dividem as torradas, os ovos e o café, comendo do mesmo prato e bebendo da mesma caneca.

EXT. RUA - DIA

Rosário caminha de mãos dadas com Irene. Eles viram esquinas, sobem e desce de ônibus e caminham um pouco mais até chegarem à praça.

EXT. PRAÇA - DIA

Rosário e Irene caminham de braços dados. A praça está cheia, com um grande movimento de famílias, as crianças correndo e brincando.

Rosário aponta para as árvores, mostrando-as à Irene.

Os dois passam por diversos vendedores ambulantes. Vendedores de cata-ventos coloridos, de algodão doce, de pipoca. Eles compram um pacote de pipoca para dividir.

Os dois continuam caminhando, até que avistam um fotógrafo lambe-lambe. Algumas pessoas fazem fila ao lado da antiga máquina fotográfica.

Rosário tira do bolso algumas moedas, enquanto Irene também vasculha a bolsa. Os dois juntam o dinheiro que tem e entram na fila.

O fotógrafo chama Irene e Rosário, que se posicionam em frente à câmera, sorrindo. O fotógrafo aciona a máquina, que produz um estalo alto ao registrar a imagem.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - NOITE

Após o passio na praça, Rosálio ajuda Irene a se deitar na cama. Ela tira do busto do vestido a fotografia dos dois e a posiciona com carinho sobre a mesa de cabeceira.

Irene sorri, fecha os olhos e adormece. Rosálio deita-se ao seu lado, mas não dorme, apenas observa.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - DIA

Irene tem três comprimido de cores e tamanhos diferentes na palma da mão esquerda, e um copo d'água na mão direita. Ela olha fixamente para os remédios, até que finalmente coloca-os na boca e toma a água para ajudar a engolir.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - DIA

Irene varre o quarto, tira o pó da mesa de cabeceira e da penteadeira. Ela tira do armário um vestido roxo, que coloca em frente ao corpo, olhando-se no espelho. Irene então tira a roupa que veste e põe o vestido. O vestido roxo fica grande nela, sobrando no busto e na cintura. Irene puxa o tecido que sobra, evidenciando sua magreza. No espelho, ela vê seu reflexo jovem usando o vestido roxo, que fica perfeito em seu corpo. Irene sorri para o reflexo, roda no mesmo lugar, fazendo o vestido girar, mas quando pára e se vê novamente no espelho, seu reflexo está mais uma vez magro e cansado.

O sorriso de Irene murcha devagar, substituído por uma expressão de séria resignação.

Irene troca de roupa novamente, guardando o vestido roxo no armário.

EXT. OBRA - DIA

Os operários da obra espalham-se por bancos de madeira, alguns sentam-se no meio-fio da calçada, todos com marmitas nas mãos, almoçando.

Rosálio, sentado próximo a um monte de areia, não come. Usando um graveto, ele escreve na areia. Várias palavras já estão escritas, como ROSA, MAR, ROSÁLIO. Ele riscar um I e depois um R, formando aos poucos o nome de Irene.

A sirene da obra soa e os operários começam a se levantar para voltar ao trabalho. Rosálio se levanta também e caminha em direção à obra.

INT. BORDEL - SALA - DIA

Sentada no sofá, Irene olha para a porta aberta. Atrás do sofá, no balcão que serve de bar para o bordel, estão Anginha e outra mulher, sentadas em bancos altos conversando animadamente, rindo alto.

Irene tem os braços cruzados e a expressão séria. Aginha, com um copo de cachaça na mão, continua rindo alto. Ela então toma a dose e bate com o copo no balcão, limpando a boca com as costas da mão.

Irene segue indiferente a conversa das duas, que parece estar acontecendo à uma enorme distância. As vozes de Anginha e da outra mulher chegam até Irene abafadas, e a imagem das duas no bar entra e sai de foco.

Rosário aparece no umbral da porta. Irene imediatamente se levanta e vai até ele. Os dois caminham em direção ao corredor sob o olhar das outras mulheres presentes na sala.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - DIA

Irene apóia a cabeça no ombro de Rosário. Anginha aparece na porta e timidamente bate de leve na madeira, pedindo licença. Irene consente a presença dela com um sorriso e um leve aceno da cabeça. Anginha se senta no chão, recostada à porta. Rosário começa a contar.

ROSÁRIO

Eu fui caminhando com o grupo do Silvano pela mata verde por vários e vários dias. Cada dia ia me sentindo melhor, que a liberdade faz isso com a gente. E sempre que podia, plantava uma semente das árvores que tinha derrubado, e rezava uma prece pra elas crescerem altas e fortes. Quando eu perdi as contas dos dias que tava caminhando, o Silvano disse que chegamos. E quando eu levantei a cabeça pra olhar pra frente, vi um lugar dominado pelo barro. Nunca pensei que fosse conhecer lugar tão terrível depois de ter saído daquele inferno de cativo. Ali eu não tinha quem me prendesse ou me apontasse uma arma, mas também não podia ir embora, porque não sabia o caminho de volta pela mata. E o marrom do barro dominava tudo.

(MAIS...)

(CONTINUA...)

ROSÁLIO (...cont.)

O barro declarava sua posse das coisas e tomava tudo para si, e dele não havia quem escapasse.

EXT. SERRA PELADA - DIA

Rosálio está parado diante do garimpo de Serra Pelada, um vertiginoso buraco escavado no meio da mata.

Enquanto Rosálio fica olhando para o buraco, boquiaberto, Silvano fica para trás, falando com alguns homens. Logo em seguida Silvano se aproxima de Rosálio e pousa a mão em seu ombro.

SILVANO

Más notícias, companheiro. O garimpo tá fechado.

Rosálio não consegue responder, segue olhando o imenso buraco enlameado, um rasgo marrom na mata verde.

SILVANO

Mas não se aperreie que já deve abrir de novo. Venha, vamo achar lugar pra você na pensão de Jandira.

EXT. VILA DE SERRA PELADA - DIA

Na vila, Rosálio vê um caminhão do exército e alguns homens fardados. Ao lado de uma tenda militar há um mastro com a bandeira do Brasil.

Pelas ruelas de terra, Rosálio vê vários homens apoiados às casas. Alguns fumam sozinhos. Outros, jogam baralho ou dominó sobre caixotes de madeira.

O grupo de Silvano chega à pensão, que é uma das poucas casas feitas de barro, um pouco maior do que as demais.

INT. PENSÃO - DIA

Silvano entra na pensão, seguido por seu grupo. A antesala é pequena, pouco mobiliada. Silvano não perde tempo e já grita.

(CONTINUA...)

SILVANO

Jandira, traga uma bacia pra lavar o rosto e os pés de um viajante cansado! Ô, Jandira!

Dos fundos da casa surge Jandira, cerca de 30 anos, mas aparentando mais idade pela expressão de cansaço.

JANDIRA

Ora, ora... Silvano. Pensei que não fosse voltar.

Silvano dá de ombros, fazendo um sinal de resignação.

SILVANO

Jandira. Encantadora como sempre.

Ele se aproxima, toma a mão da mulher, faz uma reverência e beija-lhe as costas da mão.

JANDIRA

Nunca mais pensei que fosse te ver, homem. O que aconteceu?

SILVANO

Sabe como é, Jandira, o dinheiro do ouro é bom, mas acaba tão rápido que quase nem dá gosto.

JANDIRA

Hum, sei. E não bastasse voltar, ainda trouxe esse bando de iludidos pra comer de graça na minha casa, né?

SILVANO

Ô, Jandirusca, que é isso? Quando foi que eu deixei de te pagar?

JANDIRA

Hum, mas agora é diferente, o garimpo tá fechado.

Jandira fica mais séria. Seu tom jocoso substituído por preocupação.

SILVANO

Isso é bobagem, já já abre de novo. Vê uma rede e uma pinga pro pessoal, Jandirusca, que a viagem foi longa e tá todo mundo cansado.

Jandira olha com seriedade para o grupo, com os braços cruzados na frente do peito. Por fim, ela cede.

(CONTINUA...)

JANDIRA

Tá bem.

SILVANO

Obrigado, Jandira, sabia que podia contar contigo.

A mulher acaba sorrindo de leve. Silvano se aproxima e planta-lhe um beijo na bochecha.

Os homens se dispersam e Rosálio fica para trás. Somente nesse momento a dona da pensão repara nele. Jandira olha para Rosálio de cima a baixo, seguido-o com o olhar quando ele se afasta.

INT. PENSÃO - NOITE

Rosálio, deitado em sua rede, tem nas mãos os velhos livros que o bugre lhe deixara. Rosálio folheia as páginas dos livros, olhando as figuras. Ele passa os dedos pelas figuras, ignorando as folhas com textos.

Jandira passa pelo corredor do lado de fora do quarto coletivo. Ela pára e espia Rosálio pela fresta da porta. O rapaz, distraído pelos livros, não percebe que a dona da pensão o observa.

INT. PENSÃO - DIA

Rosálio dorme em sua rede, até que o som de uma música o desperta. São os primeiros acordes do hino nacional.

Rosálio abre os olhos, escutando a música por alguns segundos.

EXT. VILA DE SERRA PELADA - DIA

A bandeira do Brasil sobe devagar pelo mastro. Em torno dela, alguns militares e dezenas de homens formam um círculo, cantando.

Rosálio pára na porta da pensão para observar. Jandira se aproxima dele.

JANDIRA

Aqui antes se trabalhava noite e dia. Agora não tem mais trabalho, mas tocam isso aí todo o dia de manhã, não sei pra que. Antes era só os milicos, mas agora o povo
(MAIS...)

(CONTINUA...)

JANDIRA (...cont.)
pegou o costume de ir assistir.
Deve ser porque é o único
entretimento deles, a única música
que se ouve por aqui...

Rosário observa a bandeira subir até atingir o topo do mastro. A música cessa. Os soldados trocam continências e se afastam. O povo se dispersa.

JANDIRA
Vem rapaz, eu vou passar um café.

Rosário segue Jandira para dentro da pensão.

EXT. MATA - DIA

Na borda da mata, Rosário observa uma arapuca montada entre as árvores. Um passarinho se aproxima da armadilha, ciscando os grãos sob a estrutura de madeira. Rosário observa, imóvel. Quando a ave posiciona o corpo inteiro debaixo da armadilha, Rosário puxa a corda e prende o animal.

Rosário se aproxima para apanhar a caça.

EXT. VILA DE SERRA PELADA - DIA

Rosário caminha pela vila levando o resultado de sua caçada, duas aves de tamanho médio. Passa por homens comuns e soldados. A maioria dos homens anda de um lado para o outro sem rumo e sem propósito.

INT. PENSÃO - DIA

Rosário chega até a pensão e entrega a caça à Jandira.

JANDIRA
Tá ficando cada vez menor essa sua
caça, rapaz.

ROSÁRIO
Os grandes são muito desconfiados.
Fora esses aí só tô achando macaco.
E carne de macaco é dura que só..

Jandira ri de leve. Apanha as aves para prepará-las, espiando Rosário com o canto do olho.

Jandira prepara as aves com firmeza e habilidade, observada por Rosário.

De repente, um ronco alto vindo do céu chama a atenção do rapaz.

EXT. VILA DE SERRA PELADA - DIA

Rosálio sai da pensão, olhando para cima, tentando identificar a origem daquele ronco estranho. Olhando para o alto, ele vê um avião militar, que vem descendo para pousar ali perto.

Vários homens começam a se levantar de seus caixotes, largando os jogos de cartas pela metade. Muitos caminham em direção à pista de pouso, onde se concentra a maior parte dos soldados.

Rosálio vê que Silvano também caminha em direção ao avião. Rosálio vai atrás de Silvano, o olhar cheio de curiosidade.

ROSÁLIO
O que era aquilo?

SILVANO
É o avião dos milicos. Deve ser a ordem pra abrir o garimpo.

Silvano acelera o passo, seguido por Rosálio. Os dois caminham até a pista de pouso. Perto do avião, muitos homens se aglomeram. A porta do avião se abre e dele saem alguns soldados, que são recepcionados com continências pelos colegas.

Os garimpeiros, esperançosos, se aglomeram, mas são impedidos de chegar muito perto do avião. Silvano, um pouco mais afastado, conversa com mais dois homens. Rosálio se aproxima deles.

ROSÁLIO
E então, vão abrir o garimpo?

Um dos garimpeiros responde.

GARIMPEIRO 1
Parece que não. Dessa vez o Curió não veio com os milicos.

ROSÁLIO
O Curió?

GARIMPEIRO 1
A conversa é que é só o Curió que vai poder abrir o garimpo de novo. Já faz mais de três quinzena que
(MAIS...)

(CONTINUA...)

GARIMPEIRO 1 (...cont.)
ele pegou o avião e ainda não
voltou. Dizem que é quando ele
voltar que vão deixar a gente
trabalha de novo.

Outro garimpeiro entra na conversa.

GARIMPEIRO 2
Vão nada. Não vão deixar nós
trabalhar aí nunca mais. O exército
tá só esperando as ordens do
general pra tira nós daqui.

GARIMPEIRO 1
E você lá sabe do que tá falando?

SILVANO
Vão abrir de novo, sim. Vão abrir
de novo que ainda tem muito ouro
debaixo desse chão.

GARIMPEIRO 2
Vão nada! E o melhor que um cabra
pode fazer a essa altura é sair
correndo daqui.

SILVANO
Cê só diz isso que é pros besta ir
tudo embora e cê fica com o ouro!
Se não, por que cê mesmo não foi
embora ainda?

Os garimpeiros começam a discutir, de forma calorosa, mas
amigável, como bons cumpadres incapazes de se irritarem
verdadeiramente uns com os outros. Rosálio se esquivava e sai
dali, caminhando novamente em direção à vila.

INT. PENSÃO - DIA

Rosálio, deitado na rede, olha para a caixa de madeira.
Passa o dedo indicador sobre ela com carinho. Quando puxa do
pescoço a corrente com a chave, escuta a porta se abrir,
rangendo. Rosálio imediatamente esconde a corrente dentro da
camiseta.

Jandira se aproxima dele, observando-o com interesse. Ela
carrega em uma mão um banquinho de madeira, que apóia ao pé
da rede de Rosálio. Jandira se senta, seus olhos e os de
Rosálio no mesmo nível. Ela fala sem rodeios.

(CONTINUA...)

JANDIRA

Você precisa sair daqui. Esse lugar destrói as pessoas. Aqui tudo é barro, lama, e não há espelhos. Os homens aqui passam tanto tempo sem ver a cara num espelho que perdem a identidade.

Jandira olha fundo nos olhos de Rosálio.

JANDIRA

Você me lembra meu falecido.. Quando Silvano lhe trouxe aqui eu quase tive um troço pensando que era a alma dele que vinha me buscar. Ele morreu foi no garimpo. Por isso eu me identifiquei contigo. Tu é a cara dele.

Jandira faz uma pausa, sustentando o olhar de Rosálio no seu.

JANDIRA

Nós quando ouvimos a história do ouro que se encontrava por cima do solo, que pra pegar nem precisava cavar direito, se enchemo de esperança, juntamo os trapo e corremo pra cá. No começo até deu um pouco, mas depois foi ficando mais difícil. A terra foi virando barro e o ouro começou a fugir pra se esconder cada vez mais fundo. E esse barro, esse mexilete, vai grudando na gente, mas ele gruda mais na alma que na pele, destruindo a identidade do homem por dentro e por fora. E é preciso que você vá embora e não deixe que isso lhe aconteça. Porque pode até ser que deixem o garimpo abrir de novo, mas essa vida não vale a pena, não. A riqueza do ouro é perigosa e traiçoeira. Vicia mais que cachaça, acaba mais rápido que amor de rapariga. o Silvano mesmo é um que teve a visão cega pelo brilho do ouro. Não é mais capaz de ver as desgraças que esse lugar traz, só vê o ouro que imagina que ainda pode achar. Você não pode ficar assim. Você precisa sair. Ir embora desse lugar sem espelhos

(MAIS...)

(CONTINUA...)

JANDIRA (...cont.)
antes de perder de vista quem você
é. Eu já não tenho mais nada na
vida, não tenho mais chance, mas
você ainda tem, e tirar você daqui
pra mim é como salvar meu
falecido, por isso aceite logo, não
faça desfeita, e vá.

Jandira entrega a Rosário um saquinho de pano que ele aperta nas mãos. Ela se levanta e sai.

Quando Jandira sai do quarto, Rosário abre o saquinho e encontra dentro uma pepita de ouro.

EXT. VÔO SOBRE A AMAZÔNIA - DIA

Rosário, sentando em uma poltrona do avião, agarrado à sua preciosa caixa, observa pela janela a floresta lá em baixo. Ficando cada vez menor, o rasgo marrom de Serra Pelada parece uma anomalia em meio ao verde.

O avião sobe cada vez mais até atravessar as nuvens.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - DIA

Irene, sentada ao lado de Rosário, tem o olhar perdido no teto. Sentada ao lado da porta, Anginha também escuta a história com atenção.

ROSÁLIO
Até hoje, esse foi o presente mais bonito que ganhei, o vôo sobre o mundo.

ANGINHA
E não deu medo, ficar assim tão alto?

ROSÁLIO
No começo deu um pouco, mas depois que eu vi as nuvens embaixo de mim, pensei: "se eu cair, caio numa nuvem fofa dessas, e posso morar no céu pra sempre."

Irene desvia o olhar do teto e encara Rosário. Irene pousa uma das mãos no braço de Rosário e fala, cheia de esperança.

(CONTINUA...)

IRENE

Você por acaso não conheceu um soldado de nome Romualdo? Ou um garimpeiro, que buscava riquezas naquele lugar, que se chamasse assim também?

Rosário balança a cabeça em negativa. Irene desvia o olhar novamente.

Anginha olha para cima, sonhadora.

ANGINHA

Morar no céu para sempre...

Irene olha para a janela, na direção do céu azul do lado de fora.

INT. BORDEL - BANHEIRO - DIA

Irene, sentada em uma cadeira, tem o pescoço apoiado à pia. Anginha, debruçada pela lateral, passa tinta nos cabelos molhados de Irene.

Anginha continua o trabalho. Após passar a tinta, enxagua e, por fim, seca.

Irene observa pelo espelho do banheiro a amiga empunhando o secador, puxando mechas do seu cabelo recém pintado com a escova.

Irene leva a mão ao rosto e o toca com as pontas dos dedos. Ela está mais corada, aparentando estar mais saudável.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - DIA

Irene, com os cabelos recém-pintados e arrumados, está sentada à penteadeira. Ela passa um batom vermelho nos lábios e se olha no espelho. Por um instante, se vê jovem novamente, mas em seguida seu rosto marcado e cansado vem à tona.

Ela escuta batidas à porta.

IRENE

Já vai!

Depressa, ela apanha um lenço e retira o batom. A maquiagem, contudo, não sai por completo, deixando em seus lábios um resquício do vermelho.

(CONTINUA...)

Ela abre a porta e encontra Rosálio, que entra no quarto animado, carregando duas sacolas plásticas.

ROSÁLIO
Acabou o serviço lá na obra.
Segunda-feira tem que ir lá levar a
carteira pra assinar e pegar o
último pagamento.

Rosálio está contente. Irene repara nas sacolas plásticas que ele carrega.

ROSÁLIO
Eu trouxe pra você.

Ele estende uma sacola para ela. Irene tira de dentro do plástico um vestido multicolorido com estampa floral.

IRENE
Que bonito!

ROSÁLIO
E essa eu trouxe pra mim!

Rosálio tira da outra sacola uma camisa do mesmo tecido e um chapéu de palha. Ele veste o chapéu e estede a camisa à frente do corpo.

ROSÁLIO
Olha que beleza! Pra ir contar
história na praça domingo.

IRENE
Pra contar histórias?

ROSÁLIO
Isso! Ganhar a vida contando
histórias para encantar e alegrar o
povo! E agora que eu sei ler, posso
conhecer mais histórias, e também
escrever as minhas. Vamos, Irene,
vá comigo à praça domingo, que será
o primeiro dia de minha nova
profissão!

IRENE
Mas eu?

ROSÁLIO
Pois é claro!

IRENE

Mas eu... eu tenho medo de lhe
atrapalhar.

Irene deita o vestido sobre a cama. Rosálio se aproxima e
toma as mãos dela nas suas.

ROSÁLIO

Que bobagem, Irene! Cê vai é me
ajudar! Afinal, alguém tem que
tomar conta da caixa de dinheiro. E
eu também vou precisar de uma atriz
pra fazer a parte das moças.

Rosálio apanha o vestido e levanta-o em frente ao corpo da
mulher, que sorri, levando a mão ao rosto, entre tímida e
divertida.

Rosálio se aproxima de Irene e os dois se beijam.

INT. BARRACO DA VELHA - DIA

Irene observa o filho, que está deitado em um colchão no
chão. O menino não parece prestar atenção a nada. Irene
observa suas mãozinhas, seus pés diminutos. Ouve-se a voz da
velha ao fundo.

VELHA

... já tem quase dois ano e nem
caminha. Mas a muher lá, a
assistente social, tá insistindo
que ele tá ficando mais forte e que
ela quer. E eu acho bom dar, viu,
porque minha filha ligou ontem pra
dizer que tá voltando. Brigou com o
marido de novo. Vai trazer os três
meninos. Ela acha que tá embuxada
de mais um.

Irene continua observando o filho. Insegura, aproxima-se
dele para pegá-lo no colo. No início, a criança se acomoda
nos braços dela, mas logo começa a chorar. Irene tenta
confortá-lo, sem sucesso. A velha se aproxima e toma o
menino dos braços de Irene. Prontamente, ele pára de chorar.

Irene aperta os braços ao redor do corpo ao observar a velha
embalando o menino.

INT. ÔNIBUS - DIA

Irene tem a cabeça encostada à janela, o olhar preocupado. A cidade passa pela janela e Irene começa a piscar, com sono.

EXT. CASA DE IRENE NA INFÂNCIA - DIA

Irene, adulta, usando o mesmo vestido com que visitara o filho e depois dormira no ônibus, recosta-se à porta, sorridente.

De dentro de casa sai José. Ele se aproxima e dá um beijo no topo da cabeça dela. Ouve-se a risada de uma criança e de outro homem. Irene e José seguem olhando para a frente da casa, em direção ao terreno.

No terreno imediatamente à frente, o filho de Irene tenta correr com os passos ainda um pouco inseguros. Romualdo, jovem de cerca de 20 anos, corre atrás dele, segurando-o quando cai e o incentivando a continuar.

Romualdo levanta a cabeça e sorri para Irene. Ele então pega o menino nos braços e caminha até ela.

Romualdo se aproxima, mas logo se transforma em Rosálio, que carrega o menino até ela. Irene sacode a cabeça, piscando forte, e Rosálio se transforma novamente em Romualdo.

Romualdo, carregando o menino, chega até Irene e os três ficam lado a lado.

INT. FARMÁCIA POPULAR - DIA

Irene, com os cotovelos apoiados no balcão da farmácia, abre os olhos ao escutar as caixas de remédio baterem no balcão. Ao seu lado está Anginha, com as costas apoiadas no balcão e mascarando um chiclete com a boca aberta.

A balconista da farmácia confere as caixas de remédios com as receitas.

EXT. FARMÁCIA POPULAR - DIA

Irene e Anginha saem da farmácia, cada uma com sua sacola de remédios nas mãos.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - DIA

Irene e Anginha entram no quarto. Irene larga sua sacola sobre a cama, pega um copo d'água e tira um comprimido de uma cartela. Irene toma o comprimido e metade da água. Anginha estende a mão, apanha o copo d'água e um comprimido para si, tomando também o remédio.

ANGINHA

Faz um café, Irene.

IRENE

Faço, mas o pão acabou. Deixei todo o dinheiro pro menino.

ANGINHA

Eu tenho um biscoito.

Anginha sai do quarto. Irene puxa o fogareiro, acende a chama e põe o café para passar. Anginha volta com metade de um pacote de biscoitos de maizena. As duas mulheres comem em silêncio.

ANGINHA

O que o médico disse dessa vez?

Irene se levanta e serve mais café para si e para a amiga.

IRENE

O de sempre.

Irene se senta e cruza os braços. Sua mão direita desliza sobre o braço esquerdo, magro e esbranquiçado.

ANGINHA

E o menino?

IRENE

O menino vai ganhar uma nova mãe.
Uma de verdade.

As duas bebem do café e permanecem em silêncio.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - AMANHECER

Irene e Rosálio dormem, lado a lado na cama. A luz do início do dia entra pelas frestas da cortina. Rosálio desperta e se levanta com cuidado para não acordar a mulher ao seu lado.

Ele anda pelo quarto movendo a boa e fazendo gestos. Se olha no espelho, abre os braços, continua a andar de um lado para o outro, ensaiando. Ensaia também colocar e retirar o chapéu da cabeça, fazendo firulas.

(CONTINUA...)

Rosário então, não aguenta de ansiedade e sacode Irene, com delicadeza.

ROSÁRIO

Irene, acorde! Vamos sair! Se
apronte que hoje a gente vai pra
rua!

Irene acorda assustada.

IRENE

Homem, tenha calma que ainda é
cedo! Vá tomar um banho frio, que
eu vou aprontar um café.

Irene entrega uma toalha a Rosário, que lhe dá um beijo no rosto antes de sair do quarto. Quando ele sai, Irene abre as cortinas. Ela pega o vestido florido, segurando-o em frente ao corpo e olhando sua imagem no espelho. Irene ajeita os cabelos e abre um sorriso tímido.

Irene põe o vestido sobre a cama e apanha o fogareiro. Quando Rosário entra no quarto, vestindo a camisa floral, o café-da-manhã já está pronto. Rosário come depressa, animado.

EXT. RUA - DIA

Irene e Rosário, usando o vestido e a camisa com a mesma estampa floral caminham de mãos dadas, se aproximando da praça.

EXT. PRAÇA - DIA

O sol brilha forte e a praça está movimentada. Famílias passeiam em meio à vendedores ambulantes.

Rosário se posiciona em um espaço amplo e abre os braços, com Irene ao seu lado.

ROSÁRIO

Senhoras e senhores! Meninos e
meninas de todas as idades! Se
aproximem, que hoje eu vou lhes
contar uma história que é de rir e
é de chorar!

Um círculo de pessoas começa a se formar ao redor de Rosário e Irene. Rosário fala, fazendo uma firula e depositando seu chapéu virado no chão.

(CONTINUA...)

ROSÁLIO

Moça magrinha não paga, dona gorda também não, só se quiser se livrar do peso dessas moedas chacoalhando na bolsa! O senhor que está sentado nesse banco de cimento, dê descanso à sua bunda, levante-se, chegue pra cá que a história vai ser porreta, uma história nunca ouvida que eu mesmo nem sei ainda!

Rosário se movimenta de um lado par o outro, gesticulando e falando com energia. Em determinado momento, aponta para Irene, que faz uma mesura segurando a barra do vestido.

Os dois encenam enquanto o chapéu vai se enchendo de moedas.

EXT. PRAÇA - FINAL DE TARDE.

Rosário deixa as moedas e umas poucas notas que ganhara caírem na bolsa de Irene. Irene fecha a bolsa e a sacode, sentindo o peso do dinheiro em seu interior. Os dois sorriem um para o outro e iniciam o caminho de volta.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - DIA

Irene acorda sozinha na cama. No travesseiro de Rosário encontra um bilhete escrito na caligrafia do homem. "Fui até a praça. Não me espere para o almoço, descanse. Beijos, Rosário"

O bilhete faz Irene sorrir. Ela põe o bilhete de lado, apanha alguns remédios, um copo d'água e logo engole os comprimidos. Ao levantar da cama, ela vacila, tonta, e leva a mão à cabeça.

Ela pega seu caderno e seu lápis e se senta novamente à cama para escrever.

Anoitece. Irene leva a mão à cabeça e aperta os olhos. Pega um comprimido e toma. Em seguida, se levanta e sai do quarto.

INT. BORDEL - SALA - NOITE

Irene caminha em direção à sala do bordel. Ela balança, tonta, mas apóia-se à parede e evita cair.

Um jovem louro e bem vestido entra no casarão. Irene se apruma e tenta sorrir. O homem caminha até ela.

(CONTINUA...)

O homem se aproxima e no lugar dele Irene vê Romualdo, vê Rosálio, e vê o louro. Ela esfrega os olhos.

Irene vai com o louro até seu quarto. Tonta, continua a ver Rosálio e Romualdo. O homem fala, mas ela não é capaz de escutar.

EXT. PRAÇA - NOITE

Rosálio junta as moedas e poucas notas que ganhara e tranca o dinheiro na caixa de madeira.

Sorrindo, inicia o caminho para casa.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - NOITE

Irene e o homem louro ficam frente a frente.

Irene olha para ele e outra vez vê Romualdo, que sorri para ela.

IRENE
(sussurando)
Romualdo...

Quando Irene sorri de volta, o sorriso feliz de Romualdo se transforma no sorriso perverso do homem.

Irene se assusta ao ver a mudança. O homem a empurra para a cama e começa rasgar seu vestido. Irene tenta resistir, mas está muito fraca. O homem mesmo assim se irrita e dá um tapa forte no rosto dela.

EXT. RUA - NOITE

Rosálio caminha feliz. Na rua, vê um menino que vende rosas vermelhas em uma cesta. Rosálio se aproxima, compra uma rosa, passa a mão na cabeça do menino.

INT. BORDEL - QUARTO DE IRENE - NOITE

Irene, coberta de hematomas e largada na cama, afunda a cabeça no travesseiro.

O homem louro abotoa a calça e veste a camisa. Com tranquilidade, ele larga um punhado de notas, que flutuam e giram até cair na cama sobre Irene.

EXT. BORDEL - NOITE

Enquanto o homem louro sai do casarão, Rosálio está entrando.

Rosálio percorre o corredor até o quarto de Irene. Rosálio abre a porta animado e encontra a mulher machucada.

Irene percebe a presença dele e tenta puxar o vestido vermelho para cobrir-se, para disfarçar os ematomas, mas quase não tem mais forças.

Rosálio corre até ela e a toma nos braços. Irene vê Romualdo no lugar dele.

IRENE

Romualdo...

Irene pisca, já não é Romualdo quem a embala, e sim Rosálio.

ROSÁLIO

Irene, pelo amor de Deus, o que aconteceu? Você precisa de ajuda.
AJUDA! ACODE!

Quando Rosálio eleva a voz, Irene levanta o dedo indicador e pousa sobre os lábios dele.

Irene sorri para Rosálio.

IRENE

Obrigada.

Irene fecha os olhos. Rosálio curva-se sobre seu corpo inerte. Pela janela, a noite azul não tem estrelas.

EXT. PRAÇA - DIA

O céu escuro da noite dá lugar ao azul claro da manhã.

Do alto, vê-se Rosálio, que está vestido com roupas coloridas. Ele gesticula animadamente, enquanto um círculo de curiosos se forma à sua volta.

ROSÁLIO

Senhoras e senhores, meninos e meninas, é hora de perder a timidez e chegar mais perto!

Os curiosos se aproximam. Algumas crianças tentam parar para olhar, resistindo aos puxões dos pais que insistem para que sigam seu caminho.

(CONTINUA...)

A poucos metros de distância, o vendedor de balões observa a cena, sorrindo. Enquanto isso, o vendedor de pipocas se aproxima com seu carrinho.

ROSÁLIO

Hoje vou lhes contar a história da guará-vermelha encantada, que de dia era guará e de noite era mulher. Praqueles de vocês que não sabem, a guará-vermelha é um pássaro muito bonito, de penas da cor do encarnado do sangue, do vermelho que dá força à vida e traz o amor ao coração!

EXT. CAMPO ABERTO - DIA

Uma Guará vermelha voa no céu, cada vez mais longe, observada pelo jovem Rosálio. Ouve-se o trinado da guará, voando no céu azul.

O jovem Rosálio corre pelo mato, seguindo a ave que voa, traçando um risco vermelho no céu. Rosálio sorri enquanto corre. Ele pula, grita e comemora, vendo a ave voar pelo céu, livre. A ave segue voando até se tornar um pequeno ponto no céu.

FADE OUT.